

O JOVEM PASTOR



John B. Wilder

O Jovem Pastor

John B. Wilder

Digitalizado por TREBOR



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Título em inglês: The Young Minister

Tradução de Judith Brice.

2ª edição.

Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1981. 112p.

Ministério Pastoral, I. Título.

Capa de Nilcéa

Todos os direitos reservados

Copyright (c) 1981 da JUERP para a língua portuguesa.

Tradução autorizada do original em inglês: The Young Minister, pelo autor e pela Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan, EUA.

JUERP - Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção
Batista Brasileira

Caixa Postal 320 - CEP: 20000

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcanti — CEP: 21370

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Impresso em gráficas próprias

SUMÁRIO

Sumário	3
Apresentação	5
Palavras de explicação	7
Ao Leitor	9
1	10
Realmente quer você ser pastor?	10
2	18
Você e sua vida perante os homens	18
3	22
Você e sua aparência	22
4	26
Você e o povo	26
5	34
Você e suas emoções	34
6	41
Você e as filhas de Eva	41
7	46
Você e seu coração	46

<u>8</u>	<u>53</u>
<u>Você e o púlpito</u>	<u>53</u>
<u>9</u>	<u>62</u>
<u>Você e sua família</u>	<u>62</u>
<u>10</u>	<u>69</u>
<u>Você e seu dinheiro</u>	<u>69</u>
<u>11</u>	<u>74</u>
<u>Pastor, não falhe aqui</u>	<u>74</u>
<u>12</u>	<u>82</u>
<u>Ganhando almas pessoalmente</u>	<u>82</u>
<u>13</u>	<u>88</u>
<u>O caminho principal</u>	<u>88</u>

APRESENTAÇÃO

Há alguns anos, quando dirigia uma série de palestras a estudantes do INSTITUTO BÍBLICO BATISTA, em Feira de Santana, Bahia, tive o privilégio de ser hóspede do casal George e Judith Brice. Nessa oportunidade, fez-me a Sra. Brice elogiosas referências a um livro escrito em inglês, no qual ela encontrara valioso material, de que se utilizara para palestras com os alunos do referido Instituto, acrescentando que fora bem-sucedida, abrangendo sua palavra excelente repercussão entre os alunos e professores. Tive logo grande interesse pelo livro, passando a examiná-lo. Achei-o interessante, pela exatidão com que punha de manifesto relevantes aspectos do ministério da pregação, como, por exemplo, o da aparência e apresentação pessoal do pastor, o da gestão dos negócios domésticos, o das boas relações com a família e também com os membros de sua igreja, muito especialmente com o elemento feminino. Realçou, o autor, a importância do sentido ético da vida ministerial do jovem pastor em seu viver particular e daí passando a encarecer o empenho do pregador no preparo de seus sermões, já quanto à forma, já quanto à substância da mensagem. A tudo passa revista, deixando o leitor seguramente informado de um sem-número de problemas, que a muitos passarão despercebidos se não tiverem quem lhes chame a atenção.

Fiquei de tal ordem impressionado com o livro que opinei por sua imediata tradução e publicação, pois entendi que seu texto seria de cabal lição para jovens pastores brasileiros. Cheguei mesmo a oferecer-me para colaborar na tradução e adaptação da obra. Poucas semanas depois, voltando a estar novamente com a Sra. Brice, vi o trabalho por ela realizado. Limitei-me a uns poucos reparos, modificando umas coisas e tirando outras que me pareceram inaplicáveis ao novo meio em que passaria a circular e servir de guia.

Visa a obra, de preferência, aos jovens pastores, a quem, de certeza, levará ótimos ensinamentos para o cotidiano de sua vida pastoral. De minha parte, posso deixar dito que lamento não tivesse tido, no acurado esforço do meu tirocínio inicial, um livro assim, que me pouparia o alto preço que paguei em ensaios e erros até aprender por mim mesmo aquilo que agora os novos terão ao alcance da mão para seu seguro preparo. Três décadas de anos depois dos difíceis começos de minha carreira ministerial, mercê de Deus proveitosa, lendo este livro, pude dar-me conta de que, apesar de todo o meu desvelo em evitar equívocos, ainda encontrei muita coisa a evitar que me passara despercebida nesse longo e nobilíssimo ministério da pregação.

A seminaristas e pastores vai o livro endereçado, na esperança de que sua leitura e estudo, por quantos se interessem pelo bom êxito da carreira que elegeram para a vida, os instrua devidamente, servindo de bênção para o rebanho que lhes deu Deus para apascentar e guiar nos verdes campos da evangelização pela palavra e pelo exemplo.

Harald Schaly

PALAVRAS DE EXPLICAÇÃO

Em janeiro de 1969 recebemos, de D. Judith Brice, duas vias datilografadas da tradução do livro *The Young Minister*, do Rev. John B. Wilder. O título posto em português foi *Pastor, o Homem Chamado por Deus*, que é perfeitamente válido, pela nobre missão que exerce um pastor. Todavia, para simplificar o título, procuramos aproximá-lo do original, adaptando-o à nossa nomenclatura usual. Assim foi mudado para *O Jovem Pastor*, sendo mais consentâneo com a função que exerce esse operário de Deus.

Com o devido apoio da tradutora, que aceitou, quase inteiramente, o que fizéramos sem conhecer o original, sai, pois, esta obra adaptada ao ambiente brasileiro.

A readaptação foi devidamente autorizada pelo autor, cujas idéias e linha de conselhos aos nossos jovens pregadores foram respeitados, fazendo o Departamento de Publicações Gerais da JUERP uma experiência que espera dê resultados.

Há também uma particularidade que esperamos seja compreendida e aceita pelos nossos jovens e quiçá antigos pastores. A par das idéias que se aplicam particularmente aos pastores novos na santa carreira ministerial, procuramos apresentar as exposições numa linguagem um pouco fora do corriqueiro, no propósito de fazer nossos futuros líderes adquirirem alguns torneios de frases não pedantes, porém mais agradáveis aos auditórios que irão enfrentar, onde não são raros os elementos de cultura que nos visitam, o que poderá ser para ficar ou não.

Os mestres são para ser visitados, senão pessoalmente, por impossível, pelo menos através do que escrevem. Houve uma época em que os moços aspirantes ao ministério elegiam uns tantos mestres expressivos das letras e da arte da oratória em seus guias. Iam à mina da revelação divina para

se proverem da essência, contudo, não deixavam de lapidar, em bons joalheiros, aquilo que de Deus receberam em santa vigília com sua inspirada Palavra. E os resultados temo-los em alguns oradores, que sabem transmitir o recado de Deus em linguagem que não fere os ouvidos humanos.

Não basta, pois, ao pastor, a facilidade de expressão. Precisa ele de forma e essência. Aliás, o saudoso mestre presbiteriano de pregadores, Rev. Guilherme C. Kerr, já o disse na Revista de Cultura Religiosa (1922), Vol. H, 1, p. 65: "A facilidade de palavra e o recurso de linguagem, que é um dom de poucos pregadores e que agrada tanto, não pode mesmo substituir o labor sério do estudo. Porque, afinal, pregar bem não é simplesmente agradar, é instruir, é iluminar a vida em todos os seus aspectos, do mais grave ao mais trivial, é alimentar o rebanho, em suma, sarando as feridas." (Os grifos são nossos.)

Leiam, nossos jovens pregadores, com atenção, o livro que lhes apresentamos e, quando se lhes deparar uma palavra ou expressão possivelmente desconhecida, o que não é vergonhoso, porque todos estamos aprendendo sempre, esforcem-se por entendê-la, porque só assim é possível não se estagnar na mediocridade.

A propósito de aprender, não sei se todos os nossos leitores conhecem aquela que se conta de Camões. É corrente que, quando o maior poeta português estava a pique de morrer, alguém, querendo cumprir um costume romano de acender velas aos moribundos e à falta de um castiçal, pôs na mão do poeta um punhado de areia e assim colocou uma vela acesa, ao que teria dito o grande vate luso: "Morrendo e aprendendo!" Verdade ou lenda, pouco importa. O que vale é a lição de que devemos estudar sempre.

Oração, meditação, estudo acurado e puro da forma, eis os conselhos que damos aos jovens que se iniciam na difícil como nobre arte de nutrir rebanhos e servir de guieiros de almas.

E aproveitem o livro do Rev. John B. Wilder.

Ao LEITOR

No curso de meus trabalhos junto ao Instituto Bíblico do Nordeste, em Feira de Santana, Bahia, senti a necessidade de um livro como este, onde encontrei vasto e precioso material, com que enriqueci a substância de minhas preleções. Tenho que é este um livro pleno de mensagens aos pastores, pelo que julguei por bem pô-lo ao alcance dos interessados no constante aprimoramento dos conhecimentos indispensáveis ao exercício do ministério da Palavra de Deus.

Fui-encorajada na tarefa por meu marido. Sou-lhe, por isso, grandemente agradecida. Sou também reconhecida a Loyde Martins de Freitas, por sua colaboração como minha professora de português. De modo especial, agradeço ao Pastor Harm U. Schaly, na inestimável ajuda que me deu na passagem do texto original para o vernáculo, auxiliando-me na apreensão da língua do Brasil. A ele, com a sua larga vivência com os problemas da vida de um pastor, egrégio ministério que, por quarenta , vem exercendo com bom êxito, quero agradecer por tudo e fez para emprestar a esta versão adaptada uma linguagem apropriada aos pensamentos de um pastor como é o autor do livro que ora se entrega ao público leitor. Rendo, finalmente, muitas graças a Deus, que me outorgou o nobre privilégio de colaboradora na expansão de sua inadiável obra, neste que é o Brasil.

Judith Brice

"Depois disto ouvi a voz do Senhor que dizia: A quem enviarei, e quem irá por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim " (Isaías 6:8).

1

REALMENTE QUER VOCÊ SER PASTOR?

Que quer dizer a palavra "ministro"? Nos dicionários lê-se que "ministro é pastor ou guia espiritual". O verbo *râr* significa servir, atender ou contribuir. Será você quer ser ministro, pastor, guia espiritual ou ide Deus, e por isso está lendo este livro? Se não, por que o está lendo? Com certeza está a lê-lo porque Deus o vocacionou para trabalho especial em prol do seu Reino. Se assim é, saiba que a chamada divina pode ser exatamente tal como foi a do apóstolo Paulo. Manifesta-se ela por variados meios e modos. Pode acontecer que a você ela se apresente como vontade determinada e persistente de realizar a tarefa, sobre excelente, da pregação do evangelho. Se realmente você se dispõe a ser pastor para ministrar os ensinamentos que Deus quer conhecidos pelos homens, é caso de felicitá-lo desde já, pedindo as bênçãos de Deus para o seu mister de pregador. Cumprimento-o aqui e agora pela cordial disposição em que está de ser pastor. O que este livro pretende é justamente dar-lhe ajuda para que se desincumba, com cabal agrado de Deus, dos pesados ônus que oneram esse altíssimo e privilegiado encargo. Se você se mantiver neste desejo, saberá ? portas do sagrado ministério lhe estarão abertas, e sua vida poderá vir a ser um permanente canto de louvor a Deus, nosso Senhor. Oferecemos-lhe estes subsídios partidos em pequenas porções, para que Deus dele se sirva através de você, na esperança de que será tudo para maior glória dele na expansão de sua obra.

De muitos e variados problemas se entretetece a vida do pastor. Deverá você sabê-lo desde já. São problemas complexos, como complexo é o coração dos homens, aos quais você se dirigirá e em cujo meio viverá. Para muitos problemas ordinários as soluções já estão dadas de antemão

por pastores que, antes de você, já toparam com eles, os enfrentaram, contra eles se arremeteram e os resolveram. Outros, novos, se lhe depararão, para os quais você talvez não encontre imediata solução, como também pastores mais velhos não a encontraram de pronto ou talvez nunca. Mas, de qualquer modo, a experiência desses velhos lutadores deverá ser tida em conta por você, porque nela pode estar a chave desejada para resolvê-los com sabedoria. Tiram-se acertos de erros.

Algumas vezes o pastor meneará a cabeça tristemente e dirá, de si para consigo, que foi pena não ter sabido antes do que se passava, pois, se o soubesse em tempo, poderia ter tentado uma solução oportuna e útil, com agrado de Deus, mas agora era tarde.

É meu desejo que este livro, que escrevi pensando em você, possa ser-lhe útil e agradável, você retirando dele as lições para seu ministério, especialmente nas ocasiões difíceis.

Entremos na matéria.

Para ser alguém ministro evangélico, a primeira exigência é a salvação pessoal. Se você ainda não está salvo, este livro de nada lhe servirá, nada nele achará que lhe seja útil, nem mesmo o entenderá. Se ainda não está salvo por Cristo, precisa sê-lo e com tanta necessidade como à vida é necessária a vital respiração. Não poderá estar no púlpito, pregando, quem não tem certeza de estar salvo. Perderia o direito de usar a cátedra sagrada se teimasse em permanecer nela, fã-lo-ia com charlatanice e traição. Se este é o seu caso, de fato você não precisa deste livro.

Mas é possível algum pastor não estar salvo? Por mais duro e estranho que possa ser, o certo é que existem tais pastores, cujas obras e palavras provam essa triste realidade.

Depois da salvação, requer-se do pastor que ele seja chamado por Deus. Nem sempre será fácil explicar a chamada. Que significa a "chamada de Deus"? Que dizer esta

expressão? Cada qual que se sinta chamado terá diferentes maneiras de explicar e descrever o fato da chamada. De modo geral, todos são concordes com esta explicação: que a chamada é uma inequívoca manifestação. Em alguns, ela se revelará como uma irreprimível vontade de falar ao mundo a respeito de Jesus; em outros, ela manifestar-se-á por um terno desejo de comunicar às almas sem Cristo a maravilhosa mensagem bíblica. Poderá bem ser que em ainda outros a chamada se revele mediante um sentimento de responsabilidade pela ignorância alheia quanto à mensagem da cruz, como se fosse tarefa sua que não estivesse sendo cumprida. A chamada, pois, pode ser tudo isso e mais alguma coisa. Qualquer que tenha sido o modo de sua chamada, para que ela seja válida, é de rigor que tenha sido de fato uma chamada, isto é, uma irresistível intimação divina, inequivocamente manifestada. Não bastará que o ministério da pregação se lhe afigure trabalho agradável, ou porque saiba você rir bem, ou porque queira ser líder da comunidade, ou por qualquer outra representação mental. O de que você precisa saber de modo categórico e insofismável é e Deus o chamou para mensageiro de sua Palavra, a ceifeiro de sua seara. Só a chamada é poderosa afazer que você resista a tudo nas horas difíceis. Só ele fará que, passado o primeiro entusiasmo, em face das lutas, quando os problemas tiverem convertido em inextricável enleio o seu trabalho pastoral, você ainda permaneça na certeza inicial. Se você foi chamado para o ministério sagrado, saberá tirar partido das dificuldades, e não renunciará, não deixará sua igreja, mas a ela se sentirá ainda mais ligado, na solidariedade dos momentos duros. A chamada é positivamente uma tremenda, porém, maravilhosa experiência pessoal. O vocacionado reconhece suas limitações e quer superá-las com estudos, com esforços individuais, no sentido de alcançar preparação cabal para sua tarefa. E então trabalha, luta, vence-se a si mesmo, sobrepõe-se aos obstáculos e afinal vence. Haverá, por outro lado, instantes tão penosos que você chegará mesmo a duvidar de sua chamada. É o momento de pedir a ratificação

dela, a confirmação do sagrado encargo. Quando tudo se torna difícil em seu pastorado; quando os meios financeiros não chegam para as necessidades ordinárias do cotidiano; quando tudo conspira contra seu trabalho ministerial, e o barco, sendo invadido pelas águas por todos os lados, parece naufragar, é chegado o momento de sua confiança na chamada entrar em crise e de você descrever que houvera realmente uma chamada. Em ocasiões tais, importa que você reforce a confiança na chamada e a tenha por certa e incontestável. Saberá que a hora chegou de você "cultivar sua chamada", dando-lhe tratamento de oração, imergindo o espírito na leitura bíblica, fazendo "vida devocional", entrando, decididamente, na presença de Deus, permanecendo em comunhão com ele. É este o momento de agonia do pastor, da luta interior. A questão é não desanimar. Tudo passado, renasce nele a segurança de que fora chamado, e a paz interior restabelece-se na secreta confirmação da chamada divina.

Pressuposta a salvação e a chamada, cinco coisas se me afiguram fundamentais e, pois, necessárias a você, em seu ministério, a saber: fidelidade consciente à Palavra de Deus; crença inabalável no valor da alma humana; convicção firme de que fora de Cristo não há salvação; reconhecimento de que existe um diabo pessoal; dedicação completa da vida ao Espírito Santo de Deus.

Agora, vamos por partes.

Quanto à primeira — fidelidade consciente à Palavra de Deus — é mister que você tenha a Bíblia como sua única regra de fé e prática acatando sua autoridade, nela pautando tanto o que disser como o que fizer. Se você não acreditar que a Bíblia veio de Deus e que o seu autor é o Espírito Santo, arrisca-se a enganar os homens e a deparar, para as almas, um rumo para o inferno. Não construirá vidas, podendo mesmo destruí-las. Terá de crer na Bíblia em sua totalidade. Não poderá fazer dela um tipo de "salada" para escolher apenas o que lhe convier, desprezando outros passos dela.

Há de ser crença total. Do contrário, pelo amor de Deus e de sua Causa, não pregue. De duas uma: ou a Bíblia toda é verdadeira, ou não há verdade nela. O que não pode ser é que ela seja verdadeira em parte, e em parte, não. Cada versículo de per si cai ou permanece em razão do todo. Consentisse Deus em um só erro na Bíblia e já ninguém saberia onde estaria o certo ou o errado. Admitindo-se um erro que seja, poder-se-ia admitir que tudo o mais estivesse errado. Fosse a Bíblia uma mistura de idéias humanas e divinas, ela já não poderia ajudar ninguém a encontrar um mundo melhor. É, porém, a Bíblia verdadeira e pode o homem nela confiar. Ela é, por sem dúvida, a Palavra de Deus. Não carece de ser desculpada ou apoiada. O que ela exige é que seja proclamada. Faça você isso. Essa é a sua tarefa.

No que concerne à segunda — crença inabalável no valor da alma humana — há de dizer-se que a alma é o homem: é o que e quem ele é. É o centro de sua inteligência, de seu caráter e de sua coragem. É a alma do homem a parte nele que pensa, que sabe e que guarda lembranças. É a porção humana imensurável e de suprema importância. Mal poderemos estimar quanto valem para Deus as almas dos homens. Todavia, dispomos de dois critérios para tentar sabê-lo. O primeiro é este que Deus deu o seu único Filho, entregando-o à mais cruel das mortes, para tornar possível a alma humana alcançar o lugar que lhe preparou no céu. Deus quer a alma humana para si, para com ele morar para todo o sempre na eternidade. Quando alguém se mostrar desconhecedor da valia da alma humana para Deus, bastará que você lhe aponte a cruz no cimo do Calvário. É o irresistível argumento, que, entrando pelos olhos, chegará até a alma. O segundo é este: fez Deus a alma humana para ser perene. Nenhuma outra coisa foi feita assim. Quando trabalha-se com a alma, lida-se com a eternidade. Deixe-se penetrar dessa verdade, e seu ministério terá força também eterna. Toda obra humana é fictícia e transitória. Os arquitetos constroem esplêndidos prédios; o engenheiro faz pontes e estradas admiráveis. Mas tudo isso perece com o

tempo. O cientista, na diuturnidade de suas pesquisas, consome-se em descobrimentos maravilhosos, que, todavia, passam como tudo neste mundo perecível passa e desaparece.

Se toda obra humana traz consigo essa nota de ser perecível e acabadiça, de uma, porém, pode-se dizer que, apesar de tudo, permanece, sendo durável e permanente, em virtude do seu objetivo: é a conversão de almas. Essa tarefa, em verdade, participa das coisas in-temporais, que vivem e vivem para sempre. Quando os mares e oceanos se tiverem secado e no antigo lugar de suas águas passar o homem a pé enxuto; quando nem o Sol, nem a Lua, nem as estrelas, já apagados, luzirem mais sobre nossas cabeças, ainda permanecerá constante e imperecível o trabalho humilde do ganhador de almas.

No que se refere à terceira — a firme convicção de que fora de Cristo não há salvação — importa lembrar o que diz a Bíblia: "... porque debaixo do céu nenhum outro nome há. Dado entre os homens, em que devemos ser salvos" (Atos 4:12). Se ainda depois disso passar por sua cabeça que os pecadores poderão, por si sós e por si mesmos, sem a mediação de Cristo, alcançar salvação, serem redimidos de seus pecados, então, me desculpe que lhe diga que é melhor que você vá guiar um caminhão, ou vender frutas no mercado, ou fazer outra coisa, menos exercitar o sagrado ministério da pregação. Você não está preparado para tão alta investidura. Se entende que foi inútil o sacrifício de Cristo, o Senhor e Salvador nosso, não pregue. É melhor calar-se.

No que diz respeito à quarta — reconhecimento de que há um diabo pessoal — contar-lhe-ei este fato: Certo homem, ao se submeter ao exame para ser ordenado pastor, perguntado se cria na realidade do diabo, respondeu peremptoriamente que não. Foi suspenso o exame e tudo indicava a reprovação do candidato, quando um pastor, já entrado em anos, pediu a palavra e disse que não via razão

para reprovarem o pretendente, porque aquela idéia desapareceria nele em pouco tempo. Bastaria, acrescentou o velho pastor, que ele passasse duas semanas no pastorado de uma igreja para, de pronto, convencer-se de que existia realmente o diabo. Chegariam duas semanas para que ele mudasse de idéia, ensinava a longa experiência de um ganhador de almas. Se bem que pessoalmente não concorde com o método apresentado pelo experiente homem de Deus, abalizado nas lutas do pastorado, devo, contudo, reconhecer que no seu alvitre havia muita sabedoria.

De fato, o diabo existe. É uma realidade. Orça por suicídio espiritual de um pastor o não reconhecimento da existência do tentador. O diabo há de resistir-lhe, o provocará, fá-lo-á de tolo, insuflar-lhe-á desânimo, destruí-lo-á e o desgraçará se ele não se precaver contra a veracidade de sua existência e contra a força do seu poderio para o mal. Não se esqueça, jovem pastor, de que o diabo é atraente, formoso, o deus mundano por excelência, cheio de encantos e atavios, a par de ser engenhoso, terrivelmente implacável e sobretudo desumano. Sendo desonesto e perverso a mais não poder, sua maldade não conhece limites. É do seu natural detestar a Deus e desprezá-lo. Só Deus e sua Palavra prevalecem contra ele. Contra seus ataques e arremetidas, só a Bíblia é escudo e o Espírito Santo o defensor capaz.

Por derradeiro, no concernente à quinta — a dedicação completa da vida ao Espírito Santo de Deus — impõe-se a verdade de que sem Deus você nada fará com êxito em seu ministério. Sem sua ajuda, será você tão inepto quanto uma criancinha recém-nascida. Ficarão suas pregações sem mensagem, vazias de substância e sem sentido todas as palavras que disser. Todo o seu esforço resultará inútil, todos os métodos falharão, se acaso Deus não o assistir, se você não elege o Espírito Santo como objeto da dedicação de sua vida. Se Deus não abençoar seu ministério, meu jovem pastor, nada feito. Convença-se disso.

Deus, o Pai, está nos céus, e, a seu lado, o Filho. Na terra, Pai e Filho são representados pela terceira pessoa da trindade — o Espírito Santo. Resistir-lhe é o mesmo que se opor ao Pai e Filho juntamente. Quem honra a um, aos outros honra. Quem amar e agradar ao Espírito Santo estará fazendo o mesmo ao Pai e ao Filho. É o Espírito Santo quem dirige o trabalho de Deus neste mundo. Ele é poder e sabedoria. Tem personalidade, como a têm Deus, o Pai, e Deus, o Filho. Busque agradar ao Espírito Santo. Procure-o. Assim não haverá problemas sem solução, porque Deus assenhorar-se-á de toda e qualquer situação e a dominará soberanamente. Pode alguém, ainda do menor talento, tê-lo centuplicado por Deus para as maiores vitórias. Uma débil e fraca voz, pode Deus tomá-la e com ela fazer tremer as profundezas do inferno. Não há limitações ao poderio de Deus, e tudo poderão aqueles que do seu poder se investirem.

Quer você ser servo de Deus? Pois, então, seja. Mas estude a Bíblia. Esforce-se por agradar, a Deus e alcançar sua aprovação em tudo quanto fizer. Confesse-lhe seus pecados. Com Jesus a seu lado, todos os combates estarão antecipadamente ganhos, por piores que possam ser.

Sua tarefa é o trabalho de Deus. Por ela é você responsável. Nisso consiste seu ônus e seu privilégio. É ela digna de que você a realize com dedicação, sem nunca esquecer de agradecer a Deus de contínuo a honra sem meças da privilegiada investidura.

Partamos, agora, daqui para examinar particularidades do nosso tema.

VOCÊ E SUA VIDA PERANTE OS HOMENS

Pastor, você mora como numa casa de vidro! Como quer que seja, é assim que você mora, querendo ou não. O mundo pode olhá-lo e vê-lo através das paredes, inteirando-se de sua vida. Seria surpreendente para você saber que o mundo conhece mais de sua vida do que você está pensando que ele sabe. Essa é a verdade: você habita como numa casa transparente. Tal publicidade de vida é natural e deve parecer sê-lo na vida de um servo de Deus.

Deve ser a sua uma vida exemplar. Todos devem ficar sabendo que você é um tipo diferente dos demais homens, em razão de suas especiais qualidades. É que você lida com coisas eternas. É um obreiro de eternidades. Nem por isso, entretanto, deverá o pastor presumir-se bom e fechar-se num mundo de vaidades, passando a ser inacessível, intratável, como se não fosse deste mundo. Ao contrário, deve ser homem cordial, fraternal e compreensível para com o próximo. Há que ser, de força, diferente do comum dos homens. E todos precisam ficar sabendo disso. Cada um e todos precisam saber que você exerce um ministério especial, sobre todos importantíssimo, por isso que você trabalha com valores eternos, gerindo cabedais que pertencem a Deus.

Não dê lugar a intimidades. Que todos saibam guardar distância de você. Nem todas as liberdades que se tomam devem ser dadas. E liberdades demasiadas com o pastor não são recomendáveis para ele.

Ponha tento no seu "modo de falar". Isso importa muito a um pastor. Seria vergonhoso ouvir-se de um pastor uma anedota picante. Não deve um pastor ser contador de "piadas" inconvenientes. É fácil conhecer-se o homem por sua linguagem. E a do pastor deve ser conveniente,

irrepreensível, sempre limpa, sempre decente. É falando que o homem se revela. De certo pastor sei que andou a pique de arruinar-se por causa de sua conversação malsã, de sua linguagem inconveniente. Era ele hábil contador de estórias. Homens e rapazes corriam para ele como formigas para o mel. Não é contar estórias que é mal. O que é mau é o tipo de estórias que se contam. Pode bem ser de ótima qualidade, de que se pode tirar bom partido, essa de contar bem, com vivacidade e chiste, uma estória engraçada. Mas aquele pastor não tinha escrúpulos na escolha de seu repertório e, no entusiasmo em que ia, chegava até a obscenidade, com casos de mulheres. Era o escândalo de seus colegas. Por suas habilidades de narrador, ganhou nomeada, notabilizou-se tanto que chegou a ser, por algum tempo, líder denominacional. Tal foi sua reputação, tão marcante ficaram suas chocarrices, que, sendo-lhe, de uma feita, imputado certo crime praticado contra uma mulher, possivelmente com falsidade, esteve a ponto de ser preso, não fora a intervenção de amigos. Todos tinham acreditado na sua autoria, tendo em vista os antecedentes de impudica linguagem daquele pobre pastor. A coisa tornou-se de total verossimilhança só pela reconhecida incontinência da linguagem do imputado. O servo de Deus não deve comprazer-se em contar nem em ouvir anedotas imorais. Se, no grupo em que estiver, a conversação descambar para o impuro, deixe-o, retire-se discretamente. Não será necessário exprobrar ninguém. O retirar-se basta como protesto. Em tendo oportunidade, em particular, advirta os do grupo inconveniente, acuda-lhes com conselhos prudentes sobre os males de uma conversação perversa e corrompida. Dificilmente se apagam da memória as lembranças de uma estória obscena, que se ouviu, malgrado nosso. Restarão sempre restos sujos, pegadas imundas dentro da mente, que só a oração pode lavar. Aqui não é tão-somente a dignidade pessoal do pastor que está implicada, mas a própria obra do Espírito Santo, que se recusará, com certeza, a operar através de bocas impuras. E o palavrão?! Nem se fale. Pode-se lá imaginar um pastor a dizer palavrões?! O palavrão atrofia a alma.

Ponha o pastor cuidado em não mentir. É doloroso observar que há pastores mendazes. Seja veraz, pois, doutro modo, todos perderão a confiança em você. Todos sabemos que Deus detesta a mentira, onde quer que ela seja dita, com maior razão, se é dita do púlpito. Haja cuidado nas ilustrações de seus sermões, para não dar lugar a exageros que orçam pela mentira. Nenhum pastor pode transigir com a verdade. Ocorre que alguns pregadores costumam contar histórias com tal colorido que deixam acreditar que elas aconteceram com eles. Mas, ou outros pregadores a contaram antes, ou virão a contá-la depois e, de logo, se ficará sabendo que é uma estória como as outras, impessoal e patrimônio de muitos. Isso desacredita o pregador e invalida o efeito da ilustração, que até poderia ser apropriada e útil, condizendo com a mensagem. Nunca subestime seu auditório. Saiba que nos bancos de sua igreja há muita gente de bom senso e que sabe mais do que você pensa. Se insistir em coisas inverídicas, não passará muito tempo que o povo o tenha na conta de acabado mentiroso. Se você entender de, em seus sermões, fazer 27 alegações históricas, acautele-se para não errar no tempo, ou no lugar, ou no autor dos fatos. Seria lastimável, por exemplo, se você, num lance empolgante de eloqüência, dissesse que o Brasil foi descoberto em 1442. Ora, todos sabem que essa não é a data certa. Isso prejudicaria imensamente o vigor e eficácia de seu sermão. Será preferível que você omita a referência, se você não tem certeza daquilo que vai dizer. Se, todavia, acha importante a menção, que se instrua antes, consultando livros ou pessoas que possam tirar as dúvidas.

Há pastores, em nosso tempo, que entram em competição com o mundo, pretendendo lugares de vereadores, deputados e outros tais, na carreira política. Querem alçar-se a cargos públicos, em detrimento de seu ministério. Essa repartição de tempo e atividade é feita em dano da sua igreja. O lugar do pastor é junto de seu rebanho. Lá está na Bíblia, bem claro, como se vê em II Cor. 6:14-18, o tipo de amizades a que um pastor não deve se prender, em ligações com

incrédulos. Quem quiser alcançar o sorriso aprovador de Deus, antes que do mundo, deve precaver-se contra tal dispersividade inconveniente de atividades. Seja integral o tempo dado à igreja, sob pena de a ver decair, decrescer, por falta de assistência pastoral. Nenhuma igreja pode aspirar à maturidade com um pastor ocupado com outras tarefas, fora da igreja. Nos capítulos 8 e 10 retornaremos ao assunto com maiores desenvolvimentos.

Haverá os que estão persuadidos de que não se tem o direito de esperar que o pastor seja homem diferente dos demais. Ora, isso positivamente não está certo. O pastor tem de ser, necessariamente, o melhor homem do seu lugar, o mais correto, o mais compreensivo, o mais atento para as coisas altas e puras, o mais limpo de coração, apresentando, aos olhos de todos, uma vida exemplar, severa quanto aos costumes e cheia de austeridade. Deve pôr nessas coisas tal empenho e extremos de correção que até mesmo os inimigos sejam forçados a reconhecer que é ele um homem diferente, tendo-o na conta de varão de Deus. No íntimo, muitos estarão pondo o pastor como medida de Jesus. Para tais, Jesus será o que é o pastor. Outros criticarão a igreja, quando o único digno da crítica é o pastor. Fique, então, fora do ministério aquele que não quiser, não puder ou não souber conduzir-se de modo que ilustre com sua vida a mensagem da cruz aos homens. Tem de ser o pastor varão aprovado por Deus, e que todos saibam disso. Doutro modo, fará mais mal que bem, e mandará mais almas para o inferno do que para o céu.

3

VOCÊ E SUA APARÊNCIA

Deve um pastor ser intimamente puro, sem ter em menos conta sua dignidade exterior, no vestir-se, no asseio corporal com que se apresenta em público. É uma forma de respeito pessoal, que importa muito para impor respeito aos demais. É da experiência de todos que dificilmente se demonstra respeito a quem traz uma aparência desleixada, em desalinho. Não se vá ao ponto de querer que o pastor seja "árbitro da moda". Mas é bom que se apresente bem, que cause boa impressão a quem o veja.

Não se diga, infelizmente ou felizmente, que muitos homens de Deus são pobres, e o que ganham não lhes chega para aquisição de bom guarda-roupa. É do conhecimento geral que os pastores ainda percebem baixos honorários. Isso, todavia, não importa muito. O que importa, isso sim, é não andar mal-amanhado e sujo. A pobreza não é incompatível com a limpeza. Há os que se vestem simplesmente e, todavia, são pessoas impecáveis no apuro do vestuário e no asseio pessoal. Ainda a melhor roupa, se não estiver lavada e bem passada, denunciará negligência em seu portador. Essas coisas exteriores têm influência na tarefa do pastor, porque poderão predispor mal o meio em que atua. Um pastor de unhas sujas, por exemplo, repugna, indis põe, de logo, aqueles com quem vá falar. Conclui-se imediatamente do físico para o espiritual e pensa-se que aí está um homem negligente em tudo, a ,quem não se poderão confiar os valores espirituais. Água e sabão lavam tudo. Basta que haja vontade de andar limpo.

Com as facilidades de aquisição de lâminas de barbear, não há desculpas para andar-se com barba por fazer. Desagradará, certamente, não só à sua esposa, mas também aos membros de sua igreja, que você apareça de rosto não

barbeado. Pode ser que seu rosto não seja bonito, mas, se estiver de barba feita, tornar-se-á pelo menos agradável. Lembre-se, quando pensar nestas exterioridades, que você é testemunha de Deus ante os homens.

Trate de suas unhas, conservando-as aparadas e limpas. As unhas de luto impressionam mal os circunstantes. E o pastor é um homem bastante observado em muitos aspectos externos.

Cuide dos dentes, para que possa sorrir sem constrangimento. Uma boca mal cuidada é repugnante. Não despreze sua escova de dentes. Dê-lhe trabalho. Se não tiver pasta dentifrícia, use mesmo sabão, sal ou bicarbonato. Podem não ter o mesmo sabor da pasta, mas servem. Naturais ou postiços, os dentes têm seu papel na apresentação do homem. Freqüente seu dentista, para que ele restaure sua boca murcha e cubra suas gengivas nuas. Sua mensagem perderia a força e eficácia se passasse por uma boca desdentada à vista do auditório. Isso não deveria impressionar ninguém. O certo, porém, é que reflete sobre o pregador de modo desfavorável. Esteja também atento para o seu hálito. Você pode não senti-lo, mas os outros sentirão e se afastarão de você. Evite o alho e a cebola em certas ocasiões, para não exalar aquele cheiro forte que, muitas horas depois de comidos, ainda permanece. Se vai realizar um batismo ou presidir a uma festa de núpcias, é prudente que os evite, por razões óbvias.

Traga seus cabelos aparados. Freqüente seu barbeiro regularmente. Mal se compreende que um pastor esteja a ocupar-se de maneiras de pentear os cabelos. Penteie-se masculinamente, como convém a um homem. Se faz gosto em ter cabeleira basta, talvez deva fazer uso de algum fixador para conservá-la arrumada.

Não deve ser estranho o fato de que muitas pessoas não se cuidam convenientemente e delas se desprende um desagradável "cheiro corporal", que o vulgo trata por nomes vários e alguns até chulos. É fácil proteger-se contra essas

pequenas traições corporais. Ninguém hoje desconhece os desodorantes, que os homens também podem usar, sem incorrerem em críticas. O homem pode andar discretamente perfumado sem desdouro algum.

Combine, com gosto, suas gravatas com as roupas. Saiba dar-lhe o laço correto. Esteja ela sempre limpa e não amarrotada. E a gravata a peça do vestuário que chama mais a atenção. Por isso deve haver, no seu uso, gosto e discrição. Há gravatas de acordo com as idades e para certas ocasiões. O uso da gravata requer alguns conhecimentos de etiqueta social. Nisso, como em tudo o mais, comporte-se o pastor como homem da sua idade e da sua posição.

É o lenço peça muito delicada do vestuário masculino. Há tamanhos, cores e formatos próprios para um homem. Há um bolso mais de acordo para guardá-lo. Isso depende dos hábitos de cada um. O que, porém, a todos se impõe é que se use lenços limpos e passados.

Traga seus sapatos sempre limpos e engraxados. Suas meias sejam de acordo com a cor de sua roupa e dos sapatos. Lembre-se de que, por vezes, você cruzará suas pernas, quando estiver no púlpito e todos poderão ver como você cuida dessas pequenas, mas importantes coisas. E, por falar em cruzar as pernas, tem-se trazido em questão se isso é ou não boa postura para o pastor. Parece que não há inconveniente algum, se houver certa elegância no fazê-lo.

No que concerne à sua residência, escolha-a de acordo com sua posição e posses, mantendo-a bem cuidada. Não seja sua moradia motivo de vergonha para os membros de sua igreja. Casa e jardim devem estar tão bem cuidados como o colarinho do pastor aos domingos pela manhã. Não se acanhe de fazer certos trabalhos caseiros, tais como cortar a grama dos canteiros, tirar o lixo, etc.

A vida familiar do pastor é conhecida da maioria. Comporte-se bem na sua casa. Vista-se de modo decente ao estar em casa com os familiares. Você não é dono de si

mesmo. Foi você comprado por alto preço. É um mensageiro de Deus.

A matéria deste capítulo pode, a muitos, parecer desnecessária, por sua trivialidade. Não é, porém, assim. Não custa fazer advertências dessa natureza. São lembretes sempre oportunos. O homem de Deus vive sempre tão alheio às coisas materiais que pode vir a cair no ridículo.

O pastor, entretanto, não pode esquecer que vive no mundo e não deve, mesmo nessas coisas chãs do cotidiano, dar ensejo a críticas.

Nem todos terão suficiente coragem para advertir o pastor em seus descuidos nesse particular de roupas, casa, asseio corporal e quejandas cotidianas. Alguém precisa lembrá-lo disso. Pois que sirva esse livro como seu memorando, seu vade-mecum ou manual de boas maneiras.

Quando você olha e vê que seu trabalho não prospera, certo indaga, de si para consigo, sobre as razões, e não atina com elas. Bem pode acontecer que o insucesso tenha causa no seu desmazelo pessoal, na sua má aparência, sua falta de higiene e semelhantes pequeninas-grandes coisas.

O serviço de Deus pede que seu obreiro esteja à altura da obra e que não a comprometa com suas extravagâncias pessoais, sua falta de gosto na maneira de apresentar-se em público. Lembre-se de que você é homem separado, egrégio, eleito por Deus para entregar ao mundo uma eminente e incomum mensagem. Deve ser um mensageiro digno.

Em síntese, é esta a suma de quanto se disse até aqui: sua aparência importa muito, meu jovem pastor.

4

VOCÊ E O POVO

Quando você trabalha com um indivíduo, fique certo de que está na presença do produto mais precioso da natureza, o objeto mais mimoso de Deus. É o homem uma complicada estrutura, que você jamais conhecerá bem. Realmente, você não conhecerá bem nem mesmo sua esposa e seus filhos. Nem a você mesmo entenderá muitas vezes. Seu trabalho neste mundo não consiste apenas em entender as pessoas. Isto é fundamental, mas não é precisamente seu trabalho. Sua tarefa é acudi-las nas necessidades espirituais e encaminhá-las para a salvação pessoal. Toda pessoa deve ser importante para você. Deus fez o homem à sua imagem, di-lo a Bíblia. Seja ele um príncipe ou um selvagem. Todos fomos feitos à sua imagem. Você é responsável perante Deus pelo modo como age em relação às pessoas com quem lida. Pode alguém não querer sua simpatia e até repeli-la. Todavia, é necessário saber que de Deus ele é sempre amado. Por ele Deus deu seu Filho, seu único Filho. Deus não faz acepção de pessoas. Ele as quer tais como são, boas ou más. Até aquele que é metido à bulha e ridicularizado, que serve de fábula ao mundo, por ele também Cristo morreu. Não se esqueça disso nunca.

Há pessoas de trato difícil porque têm problemas pessoais insolúveis ou que lhes parecem tais. Na vida de muitos há mais sombras e angústias que alacridade e alegria. Nosso tempo é particularmente angustiante. Não é para admirar que haja tanta gente irritadiça, pronta a explodir por qualquer dá cá aquela palha. Temos inimigos por toda parte, inimigos gratuitos, que ignoramos. O homem é uma ilha cercada de maldades por todos os lados. O diabo é o chefe desse clã de adversários que nos atacam sorratamente. Quer o diabo ganhar sequazes. É sua obra

recrutar homens para o inferno. É seu programa atrapalhar, desanimar, retardar a obra de Deus e encobrir Jesus aos olhos do mundo. É variado e numeroso o seu arsenal de armas de combate, e estão todos os artefatos de destruição ao seu alcance. Ele converteu o homem num inimigo de sua própria alma. Use de muita paciência com todos. É grande o perigo que correm, nessa luta com o diabo. Ninguém está irremediavelmente perdido. Quem passasse ao pé da cruz naquela hora de dores e blasfêmias do ladrão crucificado ao lado de Cristo, estaria longe de supor que ali estava alguém que seria salvo, nada obstante sua vida e suas obras passadas. Aquele pedido: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino" foi decisivo, e obteve resposta imediata: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso." Teria sido erro pensar-se que não haveria mais oportunidade de salvação para aquele homem, naquelas circunstâncias. Todavia, foi salvo.

Pense na samaritana. Veio buscar água para um dia e achou aquela que mana para a eternidade. Um instante apenas dialogou ela com o maior dos mestres, e ali, à borda do poço de Jacó, abandonou seu cântaro e saiu a buscar almas para Deus. Tudo isso, porque falou com Jesus. Essa foi a diferença entre o antes e o depois na vida da mulher samaritana. Se tivesse em seus planos edificar ali, em Sicar, um templo a Deus, certamente não seria com aquela mulher que você iria contar para dar-lhe ajuda na construção e vir a ser parte da igreja que você organizasse. Jesus, porém, viu onde você não veria. Aproveitou o que você certamente desprezaria. É sempre assim.

O pastor deve ser homem preparado em relações humanas. É conhecimento indispensável a quem vive entre grupos humanos. Há um livro antigo e sempre atual, cuja leitura ensinará muito. Refiro-me ao livro dos Provérbios. Os pastores não podem dispensar sua valiosa contribuição. Ele ensinará a viver e conviver com as pessoas humanas. É um perfeito tratado sobre relações humanas. Leia-o e assimile seus ensinamentos. Só poderá lucrar com isso.

Valha-se, por outro lado, da experiência dos velhos pastores. Esses já passaram pelo caminho em que você vai agora tateando. Há neles um conhecimento de experiências tidas. Seja humilde para aprender com eles. Saiba guardar segredos e confidências que recolher no exercitar o seu ofício pastoral. Não seja nunca inconfidente. As confidências são como segredos profissionais, que se guardam avaramente. Não os revele, salvo se, por lei, for obrigado. Não se pode ser pastor muito tempo, sem que se torne custódio de muitos segredos, que, revelados, podem ocasionar a destruição de pessoas, negócios e lares. É da experiência de todos que há quem nos faça depositário de seus segredos e, depois, se torna nosso inimigo pelo fato de no-los haver revelado. Por vezes, se põe a falar contra você. Seria tão fácil calar o maledicente, contando o que sabemos de sua vida. As amizades merecem ainda maior respeito depois de extintas. A ética ministerial pede-lhe que seja zeloso guardião dos segredos recolhidos em seu sacerdócio pastoral.

Não comente com os outros a vida alheia. Não fale mal de ninguém. Pastores maledicentes morrem de morte para seu rebanho. Lê-se no livro de Provérbios, capítulo 18, versículo 21, isto: "A morte e a vida estão no poder da língua; e aquele que a ama comerá de seu fruto." E, ainda no mesmo livro, capítulo 21, versículo 23, "mais isto: o que guarda a sua boca e a sua língua, guarda das angústias a sua alma." Em o Novo Testamento lê-se, em Tiago 1:26, esta sentença: "Se alguém cuida ser religioso e não refreia a sua língua, mas engana o seu coração, a sua religião é vã."

É pecado indesculpável falar da vida alheia, e de si mesmo fale pouco. Não revele suas fraquezas, suas esperanças e seus desejos a outrem. O detentor de seus segredos dominará sempre sobre você. Não se escravize a outrem por lhe haver contado suas particularidades. Acabada a amizade, pode tudo ser revelado, com desprestígio seu. Já aprendi, à minha custa, duras lições, por isso lhe posso ser útil nestas coisas, transmitindo-lhe minha experiência.

Evite, quanto puder, a popularidade. Seja agradável, respeitado e, se possível, admirado. Mas popular, não. "Ai daquele de quem todos falam bem." Na popularidade há algo errado. Poderá você, por amor a ela, transigir com suas convicções, omitir-se, comprometer-se. Os jovens o estimarão e terão entusiasmo por você, desde que você feche os olhos aos erros e desvios deles. Como mais velho, você poderá ser popular sob a condição de lhes aceitar as opiniões, mesmo que elas venham a prejudicar seu trabalho. A popularidade é uma tirania. Muitos pastores, para serem populares, sacrificam tudo — igreja, família, a si mesmos. Querem estar presentes em festas, congressos, retiros, e deixam tudo para cortejar a popularidade em seu meio. E nisso vai seu tempo, sua energia, em prejuízo de tarefas mais significativas.

Sinto pena de você pastor, quando o vejo tão carregado de compromissos sociais, sem tempo para o cultivo espiritual, sem tempo para preparar sua mensagem, sem tempo para a família. Fique onde Deus o pôs. Mate a fome e sede espirituais daqueles que Deus lhe entregou para apascentar. Mostre ao mundo o valor de uma família organizada nos moldes cristãos. Não faça troca de seus dons espirituais com o mundo. Conserve-os a despeito de tudo. Não há privilégio maior do que ser pregador do evangelho. Nenhuma honraria humana é equivalente a ele. Seja amável, serviçal para com os que necessitam de você na hora má. Ajude-os com sua palavra firme e consoladora na hora difícil. O povo notará isso e saberá que pode confiar em você nos momentos de aflição. Nessas ocasiões, seja bondoso, acessível, exerça misericórdia cristã. Se alguém apelar para você numa emergência qualquer, não lhe fuja: acolha-o com carinho. Tenha um coração de tal maneira sensível que possa compreender a dor alheia, os impulsos de cada um e as tormentas que vão na alma de muitos.

Mostre-se amistoso com quantos encontrar. Sorria, mesmo que isso lhe custe bastante. O povo pagar-lhe-á com juro, em estima e respeito, o que você despender com ele em benevolência e cortesia. Use de sinceridade nos negócios.

Pontualidade no solver de suas obrigações. Conserve zelosamente seu crédito. Seja cortês para com os funcionários públicos e dê-lhes ajuda, se for preciso. Todos, grandes e pequenos, colaborarão com você se os tratar com cavalheirismo e dignidade.

Dê tempo e atenção aos jovens do seu lugar. Mostre interesse pelo que eles fazem. Vá ao campo de futebol, onde eles jogam, e mostre-se interessado. Com isso poderá ganhá-los para os programas de sua igreja. Tanto nos trabalhos da igreja como nos esportes, pode o jovem conservar sua juventude. Se eles confiarem em você, levar-lhe-ão seus assuntos pessoais para ouvirem sua opinião. E você passará a influir decisivamente sobre os jovens de seu meio quanto ao casamento, ao trabalho e aos seus problemas vocacionais.

Não se limite à sua igreja. Vá até fora dela, em trabalhos assistenciais, em serviços sociais. Sempre haverá necessitados de remédios, de roupas, de visitas, de uma palavra oportuna para seus problemas. Sonde sua comunidade. Esteja atento para seus problemas. Haverá nela pobres, desvalidos, encarcerados, tarefas relativas a esses problemas com os membros de sua igreja. Que sua igreja acorra às necessidades da comunidade tanto quanto possa. O que não desacreditar o pastor é de seu dever fazer em proveito do seu meio social. Não é só o crente que deve ser alimentado pela igreja. O descrente também.

Seja amigo do seu povo. Fale a todos a quem encontrar. Faça um aceno amável a todos, mesmo que não seja retribuído. Seja cordial. A cordialidade fará de você um homem conhecido e estimado.

Não esqueça os velhos. De regra, estão sozinhos e sentem a solidão. Há um frio interior no velho, que só a companhia aquece. Ouça-os pacientemente. Se lhe contarem uma estória já conhecida, não os deixe perceber. Mostre-se satisfeito por ouvi-la, como se fosse a primeira vez que a ouve. Isso lhes dará alegria para todo aquele dia. É tempo bem empregado. Dê atenção às mulheres idosas. Um dedo de

prosa, algumas amabilidades, um gracejo oportuno são coisas de importância para elas. Faça isso. Poucas pessoas têm tempo para os velhos.

Às crianças, dê-lhes um pouco do seu tempo. Não estará você, pastor, tão ocupado que não possa acariciar a cabeça ou o rosto de uma criança. O amor da criança é genuíno. Nele não há hipocrisia. Lembre-se de que houve um Pregador que amou as criancinhas. Embora tão ocupado, como sempre estava, encontrou tempo para lhes dar.

Para fazer amigos, uma boa maneira é manifestar apreciação para com as pessoas, de modo geral. Neste mundo de correrias, há tão pouca demonstração de simpatia. Negligenciamos um homem durante toda a sua vida. Um belo dia chega-nos a notícia de que morreu. Corremos a visitar a família, dizemos da respeitosa e elevada opinião que tínhamos do morto; e o fazemos, de certo modo, para desincargo de nossa consciência. Isso, porém, não ajuda. Já é tarde demais. A apreciação honesta, expressa em tempo oportuno, é a mais doce bênção na terra. Ainda não vi ninguém que não correspondesse positivamente a tal mostra de simpatia.

Estava eu, certa ocasião, viajando de ônibus no Estado de Texas, nos Estados Unidos. O coletivo estava superlotado. O motorista atrasara-se no horário. Mas foi bastante que uma velhinha desse sinal de parada para que ele acostasse o veículo e fosse ajudar a passageira a descer, indo pô-la em local seguro. Isso me impressionou fortemente. Era de ver a paciência e a cortesia daquele bom homem. Por cima do pára-brisas do ônibus estava posto o seu nome. De regresso, não pude deixar de noticiar ao presidente da empresa em São Louis do que ocorrera. E ele respondeu-me cordialmente. Não pensei mais no caso. Um ano depois, estava em um ônibus, ainda desta vez, dirigido pelo mesmo condutor. O coletivo não estava cheio e trafegava devagar. Dirigi-me ao motorista, indagando-lhe se alguém escrevera à empresa, falando a seu

respeito. Tomado de espanto, ele exclamou: — O senhor é o Rev. Wilder?

Afirmei que sim. Então, ele contou-me isto: — Li sua carta na revista da Companhia. Realmente a apreciei. Mas isso foi o começo. Algum tempo depois de sua carta, meu ônibus sofreu um acidente. Fui levado perante altos oficiais, para ser interrogado. Era um momento particularmente difícil para mim. Foi quando um dos oficiais leu sua carta para os demais. Penso que ela salvou meu emprego!

Assim podem-se fundar amizades eternas e trazer crédito para o ministério cristão. Isso pode e deve ser usado para a glória de Deus.

Não se preocupe se sentir que o povo não o está apreciando. Nada é mais vago que essa coisa de apreciação. Ficarão decepcionado muitas vezes, se esperar um vigoroso "obrigado" quando tiver feito algo pelo povo de sua congregação ou de sua cidade. Poucos serão aqueles que expressarão publicamente agradecimento por sua ajuda. Espere, porém, que alguma coisa de grave lhes aconteça, e os verá revelarem o afeto que lhe têm. O povo é assim mesmo. É uma das fraquezas humanas isso de cerrar os lábios quando há um obrigado a dizer e que não se diz. Sabendo disso, não deve ligar importância a tal omissão. Continue fazendo seu trabalho e convença-se de que está sendo apreciado. Encontrará inimigos pelo caminho. Eles, mentindo, falarão mal de você. Poucos pastores experientes procurarão desmascarar tais mentiras. Sua experiência lhes ensinou a deixar com Deus a solução desses problemas. Você é um pregador. É servo de Deus. Você está trabalhando para a sua Empresa e para Aquele que é capaz de fazer o que para você é difícil ou impossível. Entregue-lhe seus problemas. Tudo sairá bem.

Pode chegar ocasião quando você será compelido a deixar sua igreja por causa da oposição de algum indivíduo ou de algum grupo dela. Isso tem acontecido a muitos pastores. Se isso acontecer, saiba que deve manter a cabeça

fria e quente o coração. Não deixe nunca uma igreja como se fosse um mártir. Procure ser um curador de almas, mesmo quando saia do púlpito e vá para a porta da igreja pela última vez. Esforce-se por não deixar o povo de sua igreja brigar entre si. Estanque o sangue, pense as feridas, ainda que já esteja arrumando as malas para partir. Tanto quanto possa, deixe sólida base para o pastor que vier depois de você. Simplifique as coisas para ele. Isso honrará a Deus e trará bênçãos para o seu coração. Ame sua igreja como congregação, e a seu povo, como indivíduo. Deixe que eles saibam como você os ama. Diga-lhes do prazer que sente em ser seu pastor. Faça-lhes saber que são importantes para você e que sem eles seu trabalho nada será. Isto é uma realidade. Eles precisam de você, e você, deles. Certamente você precisará muito deles. Se alguma hora sentir que errou em seu ministério, declare-o sem constrangimento perante a igreja. Isso é como engolir novamente o que se falou. Mas todos o admirarão por essa coragem, e confiarão por isso mais em você. Os pregadores também erram. E você sabe disso. Mas, quando tal coisa lhe acontecer, e você tiver de mudar de opinião, faça-o publicamente. Quando se está errado, o que se tem a fazer é emendar-se, começar tudo de novo. Se você praticar o que foi dito neste capítulo, haverá maior entendimento entre você e seu povo. E entre ambos haverá maior respeito.

VOCÊ E SUAS EMOÇÕES

Certa vez ouvi um vaqueiro contar que fora surpreendido pelos índios, à noite, enquanto dormia. Montou em seu cavalo e andou tumultuosamente de um lado para outro.

Nunca fui atacado por índio. Todavia, temo que tenha, algumas vezes, em minha vida, andado também em muitas direções, como aquele vaqueiro. Somente pela graça de Deus não tive a cabeça escalpada, nem figuradamente nem talvez literalmente. Quando o homem está debaixo de fortes tensões e emoções, tais como o medo, o orgulho, a exaltação, a ira, a ansiedade, saberá que se está abeirando da mais perigosa zona da vida, pelo que deve proceder com a máxima cautela.

Muitos dos meus erros, cometi-os impulsivamente, quando me deixei dominar pela emoção, ou quando tomei uma decisão sem antes refletir maduramente. Há cicatrizes no meu ministério que não teriam existido se eu tivesse sabido esperar pelo dia seguinte para responder ou para agir.

Um respeitado ministro contou-me isto: "Certo dia fui procurar um homem que julguei ter-me ofendido. Num acesso de ira, fui ao seu gabinete, na intenção de resolver o caso de qualquer forma, até pela violência, se necessário. Com fundo desapontamento, fui informado, por sua secretária, que ele havia saído e não voltaria naquele dia. Saí dali frustrado, mas, meia hora depois, agradei a Deus por não ter encontrado o homem, poupando-me assim uma tragédia muito possível." Suspeito que coisa semelhante tenha já ocorrido em muitas vidas. Há graves perigos em nossas emoções descontroladas.

Poucas coisas serão tão urgentes que exijam ação imediata. Havendo dúvidas quanto ao modo de agir, o ministro de Deus deverá suspender seu julgamento até que

esteja em condições de deliberar serenamente, deveras surpreendente o que um momento de oração ou uma noite de sono pode fazer em relação a suas opiniões. Uma hora de exaltação pode esconder sérios perigos para o pensamento do homem. Uma experiência grandiosa, a notícia de uma vitória inesperada, a felicidade de uma surpresa agradável, o alívio que se segue a uma angústia prolongada, são todas causadoras de estados de alma que podem fazer que o homem perca seu equilíbrio emocional. E nesse estado pode ser levado a fazer promessas efusivas, difíceis de serem cumpridas, depois que tudo passar.

Há alguns anos, organizou-se, numa cidadezinha do Texas, um time de futebol, que saiu a jogar com outros times das comunidades próximas. Certa noite, alguém, antes de o jogo começar, pediu silêncio e anunciou que era preciso dinheiro para pagar a luz e outras coisas, e que seria ali feita uma coleta de contribuições para amortizar os débitos, depois da qual o jogo se iniciaria. Ouviu-se outra voz, saída lá do meio dos bancos. Todos se voltaram para ela. Era um bêbado contumaz que, de pé, cambaleando, perguntou: — De quanto precisa você?

— Talvez de uns dez dólares — respondeu aquele que anunciara a falta de dinheiro. O bêbado, então, gritou: — Dê-me o chapéu da coleta que eu vou dar os dez dólares.

E deu-os, com efeito. Alguém correu a apanhar o chapéu com o dinheiro, enquanto o doador se sentava debaixo de uma chuva de aplausos. Sentado num banco mais baixo, o filho do generoso contribuinte fez a seguinte observação junto a seu companheiro: — Amanhã, quando acordar, papai irá dar pela falta do dinheiro e se zangará. De início, acusará um dos filhos de haver tirado o dinheiro. E quando o convenceremos daquilo que realmente aconteceu, ele ficará cheio de ira e gritará o dia inteiro.

Nem só de álcool provém uma intoxicação: o sucesso, o orgulho, o prazer a excitação sexual são outras tantas fontes

de intoxicação que podem fazer que o homem dela acometido perca o bom senso ou a razão.

De modo geral, não é prudente tomarem-se decisões ou assumirem-se compromissos sérios quando as emoções estão em maré alta. Quando as ondas do desejo ou da exaltação estiverem predominando, não é seguro o julgamento que, em tais momentos, se vem a fazer. É melhor esperar por hora oportuna para falar ou fazer alguma coisa. Quando a tempestade amainar, quando o coração se acalmar, então será momento para fazer ou falar.

Os momentos de emoção costumam apresentar outra fase — são as horas de maré baixa, quando o coração está frio, monótono, triste e pouco promissor. O cume da montanha parece alto demais para você, e embaixo tudo é deserto, nada mais que deserto, areia, calor, enfado e distância. Há trabalho a fazer, mas o fogo que antes ardia em seu coração é só cinza, tudo correu mal, nada deu certo. E o indivíduo se sentirá tentado a dizer: "Afinal, que adianta?!" Todavia, é certo que é em horas assim que as bênçãos mais ricas costumam cair sobre nós, exatamente quando tudo parecia ir de mal a pior.

Alguém disse que as maiores realizações do homem têm acontecido por meio de homens que não sentiam nenhuma inclinação para alcançá-las. Pessoas bem-sucedidas nos negócios, pessoas competentes, vitoriosas, aprenderam a pôr mãos à obra, sentissem ou não vontade de trabalhar. E o êxito as surpreende depois desse labutar monótono, mas perseverante. É então que o homem agradece a Deus não ter desistido em face das dificuldades que geravam desânimo e desespero.

Lá está, na Capela Sistina, em Roma, a obra imortal de Miguel Angelo, admirada universalmente como o que há de maior e melhor em arte. Era o artista já de idade provectora quando iniciou seus trabalhos na Capela Sistina. Aleijado, sofrendo de "gota", subia os andaimes com dificuldade. Tais eram os incômodos físicos que o acometiam, antes de

terminar a obra, que pediu fossem os andaimes suspensos, para que ele, deitado de costas, pudesse trabalhar no grande quadro que pintava. Ali permaneceu o grande artista hora após hora, semanas e semanas, manejando seus pincéis e suas tintas, até finalizar a obra desejada. Se ele se deixasse dominar pelo sofrimento, e consentisse que os sentimentos ditassem suas ações, certamente teria atirado tudo fora, indo para a cama.

Quando se põe a pensar em John Bunyan, fica a gente inclinada a permanecer em silenciosa admiração por aquele nobre homem de Deus. Por doze anos, o grande pregador foi recluso na solidão do presídio de Bedford. A família necessitava dele. Mas, para alcançar a liberdade, era necessário renunciar todas as suas convicções, traíndo a lealdade devida a seu Salvador. E ele preferiu ficar na prisão a atender aos que lhe exigiam apostasia em troca de liberdade. Ali permaneceu dolorosamente, mas com Deus. Se você ainda não conhece essa bela e edificante história, dê-se pressa em sabê-la. No cárcere escreveu ele O Peregrino, que, depois da Bíblia, é a obra mais poderosa que o mundo já conheceu. Decerto, nunca teria Bunyan escrito seu livro se esperasse por melhores tempos. Medo, apreensões, depressões, ansiedades são ataques ordinários na vida de todos. É o homem deve aprender a viver com eles. Tais sentimentos têm dominado a mente humana desde que Eva tomou aquele fatal pedaço do fruto proibido. Corações débeis parece que nunca podem sobrepor-se a tais sentimentos; importa que os corajosos marchem para a vitória, a despeito de tudo.

Provavelmente foi o apóstolo Paulo o pregador mais fecundo depois de Cristo O mundo é grande devedor a esse gigante do passado. Certamente um homem da sua têmpera poderia viver acima dos obstáculos da carne. Com certeza nunca foi abalado pelas apreensões, tão familiares aos demais homens. É de crer que ele nunca tivesse medo de nada. Leia-se, entretanto, 1 Coríntios 2:3, e se verá o que de suas fraquezas e de suas emoções ele mesmo disse: "E eu

estive convosco em fraquezas e em temor, e em grande tremor." Disso se conclui que Paulo também teve sua hora de medo. Tinha ele suas fraquezas, que não deixavam de persegui-lo. Conhecia a significação do medo, e tremeu. Foi difícil a vida de Paulo. Em quase todo lugar experimentou prisões, antes de sair da cidade. Temia a profanação, a sujeira, a palha imunda, a graveolência e os parasites das cadeias. Nada disso o intimidou a ponto de deixar de pregar. Pregou sempre, a despeito de tudo. Sob constante ameaça de prisão, como se isso não bastasse, pensava sempre que tanto poderia ser açoitado como apedrejado. Porém nada disso o detinha. Foi-lhe grande humilhação ser açoitado com a chibata do carrasco romano. Eram vergastadas que lhe cortavam as carnes e faziam sangue. E, assim dolorido, passava a noite a revolver-se no chão duro. Ele sabia bem quanto tudo isso lhe era penoso e não é para admirar que fraquejasse nalguma nora e tivesse medo e tremor. Nada obstante, continuou sua obra. Esse o milagre que o medo e o tremor não puderam impedir de realizar-se. Quanto não deverá ter-se Deus agradado daquela vida!

Ter medo não é coisa nova. Mesmo os mais dedicados homens de Deus já o sentiram alguma vez. Ainda que não nos congratulemos com eles por terem tido medo, não podemos deixar de reconhecer o fato de que eles tiveram medo. O fato permanece. Em mais de duas ocasiões Abraão teve medo. E isso lhe ocasionou pecados lamentáveis. Elias, um dos gigantes da História, também teve medo. Apavorou-se com certa mulher e dela correu para longe, para escapar-lhe. E note-se que tal fuga se dera exatamente depois de ter ele tido uma vitória das mais conspíquas do Velho Testamento. Isso põe de manifesto a fragilidade do coração humano. João Batista, aquele de quem Jesus disse que nenhum homem maior que ele havia nascido, perdeu o ânimo na prisão e evidentemente teve dúvida sobre o Filho de Deus, que antes apresentara ao povo. Na ocasião do aprisionamento e julgamento de Jesus, todos os seus discípulos se retiraram medrosos, furtivamente, na es-

curidão, deixando-o a sós. Pedro foi tão dominado pelo medo que chegou a blasfemar quando pretenderam reconhecê-lo como discípulo de Cristo.

Os fatos mencionados são infelizes incidentes da História e até desejaríamos que não tivessem ocorrido. Todavia, ocorreram, e Deus nos quis fazer sabedores do que aconteceu. Foi seu desejo que de tudo soubéssemos sobre aqueles que tiveram suas fraquezas ao longo da jornada. Isso serve para advertir-nos de que nunca deixemos que os temores nos vençam e atrapalhem nosso trabalho. Cedo, no seu ministério, deve o homem aprender a perseverar, sorrindo, se puder, à espera de que a vitória chegue. Deve ele aprender a pôr os olhos nas promessas de Deus, antes que nas sombras fugazes dos acontecimentos passageiros. Quanto melhor é marchar para frente com um "Assim diz o Senhor", do que seguir os sentimentos e as inclinações do momento!

Ensina-nos Deus valiosas lições por meio de experiências que, à primeira vista, parecem inteiramente más. De mim posso dizer que aprendi isso muito cedo em meu pastorado.

Num dado domingo, à noite, começou mal o culto. Não só eu, mas também o diretor de música aparentava estar aborrecido. Parecia que todos os hinos que ele escolhia eram vagarosos. E, nessa parte, o culto mais se assemelhava a uma provação que inspiração e adoração. Comecei a pregar e pareceu-me estar pregando deficientemente. As palavras não me ocorriam e tive a sensação de estar pregando para as paredes, e não para calorosos, sensíveis e delicados corações humanos. Por meia hora, ou talvez mais, tateei, tropecei, até que o sermão chegou ao fim. Se algum malogro tive em minha vida, aquela noite foi seu palco. O culto foi tão insípido como terra queimada do sol. O povo tinha estado impaciente e inquieto durante todo o tempo. Eu já sabia o que fazer. Ficáramos de pé e seríamos despedidos sem nenhum apelo. O que eu queria era terminar logo. Nenhuma

razão haveria para perder mais tempo. Nessa desagradável situação, alguma coisa me falou: "Cante um verso dum hino de apelo." Com relutância, anunciei o hino e, a seguir, convidei pessoas a que aceitassem Cristo como seu Salvador. O hino também parecia inadequado. Não continha um apelo carinhoso para o pecador. Cantamos, porém, a primeira estrofe. Ainda uma vez, ouvi uma voz, em surdina, dizer-me: "Cante mais." Então anunciei outra estrofe. Lembro-me bem de tudo. Foi durante aquela estrofe que o céu abriu-se sobre nós. Ouvi o choro de uma senhora. Com surpresa, volvi-me na direção do choro e, para maior surpresa ainda, vi um homem quase que correndo para a frente. Era um homem pelo qual havia orado durante meses. Era um homem tão indiferente e endurecido que se diria que nada o poderia alcançar. Mas foi ele quem veio à frente, com os olhos rasos de lágrimas. Enquanto eu lhe apertava a mão, outros vieram vindo para a frente. E, assim, foram onze os que aceitaram a Cristo naquela noite. Um quarto de século já se passou desde aquele momento e nada diminuiu o gozo daquela hora santa e sublime, que começou do nada. Foi a mais alta experiência que tive no meu ministério.

Tem Deus maneiras de, algumas vezes, se aproximar e de se encarregar das coisas de tal modo que não há como enganar à gente. Quis Deus que soubéssemos que ele está no seu trono. Este mundo é seu mundo e o céu é dele. Somos servos seus. Temos de aprender que agimos sob sua direção, e não por nossos sentimentos. Nossa tarefa é servir, honrando-o e nele crendo. Nossos sentimentos vacilam. Suas promessas, porém, permanecem. Sua palavra não muda como as marés ou a temperatura e tudo que é inconstante. Nossa parte consiste em servir a Deus, porque é seu poder que assegura a vitória, o que nunca farão nossas emoções.

VOCÊ E AS FILHAS DE EVA

Nenhuma outra porção do trabalho do pastor é mais importante do que suas relações com o mundo feminino. O sexo feminino parece estar aqui para ficar, e, pois, o pastor deve aprender como lidar com as mulheres. Já que há mais mulheres do que homens no mundo, deve o pastor pensar que mais estará em contato com elas do que com eles, trabalhando mais com umas que com outros. A maioria dos problemas com que topará envolverá certamente mulheres. Grande parte dos trabalhos feitos para Deus será realizado por mulheres. Haverá entre você e elas uma constante reciprocidade de ajuda. Assim, a primeira e mais inteligente coisa a fazer, no seu tirocínio inicial, é aprender o que puder sobre as mulheres e esforçar-se por saber como assegurar a cooperação delas no trabalho.

São as mulheres criaturas estranhas ao homem e provavelmente ninguém, salvo Jesus, entende o mundo feminino tal qual ele é realmente. Mulheres o hão de louvar, aviltar, confortar, inspirar, embaraçar, repugnar, encorajar; rirão de você, gritarão, esbravejarão e viverão ainda depois de você. São elas, todavia, indispensáveis para o seu bem-estar pessoal, seu ministério, seu êxito e sua felicidade. Não há ternura igual a do coração de uma boa mulher, como não há fidelidade que exceda à sua, quando acerta de entregar sua vida a Deus. Por outro lado, não há maior perigo na vida dum pastor do que o que advém do mundo feminino. Os crédulos têm opinião pessimista sobre a relação entre pregador e mulher, duvidam das intenções do pastor e, a esse respeito, se exprimem com ditos maliciosos. Desconfiam do pastor e olham com malícia suas atenções para com as mulheres. Chegam mesmo a vigiá-lo nesse particular. Por isso, sabendo que é assim, ele deve precaver-se, cuidar de

seus lábios, sua mente e seus olhos, sem esquecer de cuidar das mãos. É que muitos, por serem afetuosos, gostam de expressar-se pelo contato. Não é extraordinário ver-se um pastor dar palmadinhas nas costas, abraçar, ou apertar prolongadamente as mãos de alguém. E o povo gosta disso. Essas coisas entre pessoas de boa índole não cabem, porém, com as mulheres. Aprenda o pastor noviço a guardar suas mãos de mulheres. Que lhes aperte a mão, mas que seja breve. Não se diga que seja tão rápido como se tivesse tocando num fio carregado de eletricidade. Nessas coisas deve agir com prudência. Muitos já presenciamos, certamente, algum pastor apertar demoradamente a mão duma senhora ou moça e sobrepor-lhe a outra mão, ou passar-lhe o braço pelo ombro. Com certeza ele estará mostrando interesse "pastoral" para com a mulher. Se, porém, observarmos bem, veremos que só mostra tal interesse para com moças feitas e senhoras jovens de sua congregação. Muitos acharão que tais liberdades são privilégio de um pastor, mas não gostarão de ver outro homem tratar do mesmo modo sua esposa ou filha. Se o que venho dizendo está impressionando-lhe mal, peço-lhe apenas que ausculte os não crentes que testemunham seu comportamento na igreja, a ver o que pensam de você e de seu modo de tratar com as mulheres. Pode afirmar-se de pronto que eles não gostarão dessas leviandades. O pastor leviano prejudica sua própria influência e os demais pastores. Isso não é censura, É advertência, de que, certamente, nem todos necessitam. Mas não custa prevenir. Ao lidar com mulheres, em qualquer circunstâncias, deve o pastor usar a cabeça. Não estou a dizer que as mulheres pretendam seduzir e conquistar os pastores. A maioria delas é pura e segue um padrão moral de vida igual ao do pastor.

Nenhuma delas quer criar problemas para o seu pastor. A relação mulher-pastor pode ensejar contatos perigosos, salvo se nela presidir um discernimento cristão, bom senso e equilíbrio. Muitas mulheres virão até junto ao pastor buscar ajuda, conselhos e encorajamento e até correção. Neste caso,

a entrevista é feita em particular. Mas é justamente aqui que reside a dificuldade. Poderá acontecer que, nessa conversação, a mulher se comova, chore. O pastor, apiedado com a dor de sua interlocutora, pode sentir-se tentado a sair de sua cadeira, sentar-se-lhe ao lado e pôr-lhe a mão no ombro, tudo por compaixão, procurando consolá-la. Assim procedendo, caiu numa armadilha satânica, de que poderá resultar a ruína de lares, abalo da igreja, desapontamento do povo e alimento à maledicência dos mundanos. Ponha tento o pastor no visitar mulheres em suas casas. Tudo aconselha que tais visitas sejam breves, caso não haja presentes outras pessoas da família. Se o pastor tem necessidade de uma conversa mais longa que arranje um local próprio, para evitar comentários perversos. Por pura cortesia as mulheres convidarão o pastor a que entre, com o que mostram sua confiança e respeito. Mas o pastor, se ela estiver sozinha, deverá ficar à porta, dar-lhe seu cartão e apresentar as razões da visita, para voltar em ocasião mais oportuna, ou acompanhado da esposa ou outro membro da igreja, ou quando estiver a família reunida.

Não deve também o pastor cultivar o hábito de visitar uma casa em particular. Daí pode resultar o mal. Certo homem estava doente, de cama, por muito tempo. O pastor tomou conhecimento do fato e passou a ajudar a família, visitando-a diariamente. Foi muito útil sua presença naquela casa. Entretanto, suas relações se fizeram muito familiares. Não demorou muito, o pastor estava saindo com a mulher do enfermo para tratar de negócios. Isso deu margem ao diz-que-diz de vizinhos. Veio a notícia disso à igreja, cujos membros se dividiram em opiniões a respeito do fato. Cresceu o murmúrio, o nome da mulher foi enxovalhado. Só houve uma saída para o pastor: exonerar-se. Não volveu mais a igreja a ser o que era antes. O pastor protestava inocência em sua intenção. Era de crer que ele estivesse inocente. Foi, porém, imprudente. Deu causa à maledicência, criando um profundo desgosto a todos. O diabo não poderia perder tão excelente oportunidade para uma das suas. Pastores, haja

cuidado: não gastem muito tempo em estar a sós com as mulheres de sua igreja. Façam disso uma regra capital do seu ministério. Tudo pode passar-se entre pureza e boas intenções, mas o mundo tirará disso ocasião para maldizer. Pela nobreza da vocação e pela alteza da causa de Deus que o chama, seja prudente como as serpentes e simples como as pombas, conforme lá está dito na Bíblia.

Alguma vez encontrará mulheres que têm fraco por pregadores. Geralmente são mulheres com pouca estabilidade emocional. São elas perigosas como serpentes. Algumas, embora poucas, vêem o pastor como um herói. Ele é figura pública, fala bem, e isso é atrativo para muitas mulheres, que se sentem atraídas por ele. Haverá daquelas que inventarão razões para conversar, procurar conselhos sobre as coisas mais corriqueiras, como, por exemplo, os alimentos, qual o melhor café, ou qual o mais eficaz inseticida. Se acontece de o pastor encontrar tal mulher num corredor solitário, o mais certo é que finja tropeçar, esbarrando nele, ou ter torcido o pé e precisando ser carregada. Em tais emergências, deve o pastor desviar-se do seu caminho. porque, se ele cair na armadilha e segurar a mulher, pode estar certo de que a porta do corredor se abrirá e aparecerá, como por encanto, nada menos que a presidente da Sociedade Feminina! Pode ainda acontecer que homens e mulheres maus se “mancomunem” para, através de uma mulher, atrapaalhar o pastor, que está pregando contra os interesses deles. Se for chamado para atender algum caso, é bom que leve consigo um diácono, ainda que o tenha de acordar de madrugada. É melhor isso do que se expor a uma situação duvidosa, que pode engendrar o mal, fazendo o jogo dos inimigos. Em nenhuma hipótese deverá falar a uma mulher sozinha num quarto de hotel. No seu carro ou no dela. deve pôr a mesma cautela.

Pode parecer que, quando o pastor se vê envolvido em escândalo com mulheres, foi ele quem docilmente se deixou cair. Estivesse ele em oração, estivesse ele no pleno uso do

seu bom senso, que Deus lhe deu, possivelmente teria evitado a hora má e ruínosa.

Mulheres más aparecem menos vezes que as boas. Muitas são as que encorajam, ajudam na obra de Deus. As igrejas estão cheias de boas mulheres. Estas são moral e espiritualmente fortes e mais nobres que os homens.

O pastor precisa de ter sua esposa, porque, sem ela, ele é qual casa sem telhado, automóvel sem pneus ou garrafa sem tampa." Não valerá muito; O Doutor L. R. Scarborough, do Seminário Batista do Sul, em Forth Worth, Texas, aconselhou nesse teor a jovens pastores: "Pregadores, logo que seja possível, namorem uma mulher crente, de bom coração e casem com ela. Nada façam sem ouvi-la, porque uma mulher que ama a Deus e permanece em oração pode alcançar mais sabedoria em seu coração que vocês em suas cabeças." São estas palavras sábias e oportunas. Feliz é o pastor que tem uma esposa crente, que conheça a Palavra de Deus e deseje honestamente servir ao Senhor. Esse tal nunca será mal sucedido em seus trabalhos.

VOCÊ E SEU CORAÇÃO

O flagelo do mundo é a doença do coração! Não é essa doença física a de que falamos, senão aquela de que Jeremias falou em sua profecia: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o poderá conhecer?" (Jeremias 17:9). Terrível declaração é esta. Que quer dizer ele com esta admoestação? Leu-a você cuidadosamente? Ele está dizendo o que as palavras dizem, isto é, que o coração é mais enganoso que tudo. Em outras palavras, nenhuma coisa entre os homens, na terra, é tão ardilosa, tão sutil, tão escorregadia como o coração humano. Nada é tão capaz de induzir a erro, tão aberto à traição e tão sujeito à venalidade como o coração. Mais que todas as coisas, é enganoso e perverso. Não são estas as palavras de Deus? Não podem ser negadas, como não se pode negar o que diz João 3:16. Fazem parte da Bíblia, como a ela pertencem o Salmo 23 ou as Bem-aventuranças. Falam elas por si mesmas, em sua clara e terrível significação. Mandou Deus que Jeremias escrevesse essa palavra, e o velho e fiel profeta lhe obedeceu à ordem, para que todo mundo visse o que ficou escrito. Nenhuma outra advertência é mais sombria no Livro de Deus. Uma única é a conclusão que se pode tirar dessa palavra terrível, a saber, que o homem deve vigiar e guardar seu coração, sem disso esquecer um só minuto, nem toscanear nessa vigília. Deve o homem saber que dentro dele está latejando uma bomba de hidrogênio, uma serpente furiosa, um germe insalubre, uma caixa de Pandora, que nada mais é senão o seu próprio coração. Se você não estiver atento, poderá ser destruído pelo seu coração. Tais palavras de Jeremias se aplicam também aos salvos. Uma vez que não há ressalva alguma, é porque suas palavras alcançam a todos. O melhor é pensar que a admoestação é dirigida a toda a humanidade.

Que é, afinal, o coração do homem salvo?

É de lembrar que, ainda mesmo depois de salvo, tem o homem de viver inteiramente na mesma carne. É o que diz Paulo claramente na Epístola aos Romanos 7: a carne sempre haverá de manifestar-se, perseguir, atrapalhar e afligir o homem. Mesmo depois de salvo, as más inclinações não deixam o homem. Não passará sequer um dia sem que ele tenha algum tipo de problema com a ignóbil natureza. E assim será até chegar ao seu lar celestial. O coração do pastor é igual ao dos outros homens. Deve ele vigiá-lo como a uma serpente. E tão enganoso o coração do pastor como o é o de quem não é pastor. Logo, deve ele exercer sobre si mesmo severa vigilância, para prevenir-se contra os imprevistos perigos que estão escondidos em seu coração.

Que perigos pode haver no ministério sagrado? De que consistem os principais obstáculos a uma vida vitoriosa entre os homens de Deus? Há muitos deles. Possivelmente, o perigo mais ordinário é o da vaidade ou do orgulho. É fácil, mesmo ao homem de Deus, sentir-se orgulhoso e ter de si mesmo uma opinião exaltada. Muitas carreiras promissoras têm terminado aqui. O povo, a avó enternecida, ouvindo pregar o jovem pastor, gabam-no e afirmam que ele é outro Billy Graham. Pode haver sinceridade nesses gabos, mas o melhor é não lhes dar muito crédito, porque neles pode haver erro. Se você acreditar nos elogios prematuros pode vir a ser infeliz na carreira. O orador público facilmente se orgulhará, se não cuidar do seu coração. Todos gostamos do som das nossas próprias vozes e, no geral das vezes, aprovamos aquilo que dizemos. Basta que duas ou três pessoas concordem conosco, para, de logo, concluirmos que a maioria das pessoas pensa que somos algo de muito especial. Pena é que alguns pastores tenham de envelhecer para chegar a saber que o mundo prosseguirá normalmente sem eles.

A complacência é outro grave perigo para os pastores. De muitos modos pode o pastor aproveitar-se indevidamente do seu povo. Ninguém o supervisiona e muitos são donos do

seu tempo. Depois de estar firmado numa comunidade e seguro da confiança de sua gente, o pastor pode vir a descuidar de seu trabalho, conservando o seu cargo sem trabalhar tanto quanto deve. Disse certo pastor que um pastor de bom senso pode beijar tantos nenéns, estar presente a tantos aniversários, casar tantos jovens, enterrar tantos mortos, que só com isso assegurará seu "emprego" para o resto da vida, se quiser pastorear a mesma igreja. O problema, porém, é que chegará o dia de enfrentar a Deus e apresentar-lhe seu relatório.

É muito fácil tornar-se complacente no pastorado. Se for o pastor cauteloso e não acordar o diabo, este o deixará em paz por muito tempo. O diabo gosta muito do pastor dorminhoco, de uma igreja sonolenta, para não perturbá-los.

Com a complacência vem a negligência. Quando o homem passa a sentir-se seguro de si mesmo e satisfeito consigo próprio, está no caminho de tornar-se negligente para com seus deveres. Se o pastor pudesse pressentir o perigo, veria que é aqui que ele se esconde.

O rei Davi descansou do seu trabalho. Leia-se o capítulo 11 de II Samuel. Davi afrouxou suas responsabilidades. Estava à vontade em Sião. Pensava que tudo estava controlado por ele. Tinha derrotado os sírios e estava confiante em que Joabe e seus valentes guerreiros poderiam levar de vencida os homens de Amom e Rabá. Era, pois, de crer que Davi tinha tudo sob suas mãos, tudo, menos o seu próprio e enganoso coração. Você certamente já conhece o resto da história. Acomodando-se, tornou-se Davi presa fácil de Satanás. Ele foi, para o diabo, como barro na mão do oleiro. Daí ao adultério e ao homicídio foi apenas um passo. Vinte anos depois ainda chorava Davi os seus pecados e recolhia os frutos apodrecidos de seus erros. Ouviu os insultos do seu povo, amortalhou três filhos, chorou a desgraça duma filha, antes de acabar a ceifa dos frutos de seus pecados. Foi dura a lição que Davi teve de aprender, para saber que foi grande e funesto erro ter abandonado suas

obrigações, indo descansar em Jerusalém depois de suas vitórias. Melhor lhe fora ter morrido no mesmo dia em que decidiu ir descansar em seu palácio, em lugar de levar ele mesmo seus soldados à batalha.

O ciúme é outra mazela, no coração humano, e instrumento para o coração enganoso. Pode afirmar-se que nenhum remédio é "eficaz contra esta enfermidade do coração, de que só pode o homem sarar consagrando-se completamente a Cristo. O pastor que pensa no futuro e só pretende ver a Jesus glorificado, despreocupando-se daquilo que os homens podem pensar dele, este tal está chegando à maturidade espiritual.

Provavelmente nenhuma atitude do coração é mais ruínosa para o homem que a da liberalidade ou da tolerância! São estas duas palavras realmente mui belas! Quando eu era jovem, pensava que, ser liberal ou mostrar tolerância queria dizer ser homem culto, educado, experimentado, amadurecido e emocionalmente estável. Julgava, então, que o tolerante teria sempre o governo de si mesmo, nunca se excitaria nem lhe faltaria a palavra certa na ocasião oportuna. Já vivi, porém, o bastante, e tenho motivos para mudar de opinião. Liberal e tolerante ia não me parecem títulos bastante bons, e, talvez, se os tomasse em mais conta, os teria até por ofensivos.

Nasci nas margens do rio Vermelho, em Oklahoma, USA. É um rio grande, de cerca de dois quilômetros de largura e com apenas quinze centímetros de profundidade. Há nele pontos tão rasos que nem uma pequena canoa pode navegar. Não há nele suficiente água para irrigação e, se os peixes não forem inteligentes, acabarão nalgum buraco seco. É dos rios mais largos dos Estados Unidos, porém, sem profundidade. O pregador pode ser como este rio, amplo e liberal e, no entanto, superficial: amplitude sem profundidade. Sobre nada terá posição definida. Pode ser de tal modo tolerante que chegue a pôr o diabo doente. Para tal pregador a vida nada tem de verdadeiramente certo. Para ele,

nenhuma regra é inviolável; todo valor pode ser reajustado. Isso indica covardia. O ladrão é simplesmente um homem tolerante. É mesmo tão tolerante e liberal que chega a não ter respeito às leis do país, descrendo do valor da propriedade alheia. Suas ações revelam o que ele pensa dessas coisas. A prostituta é também mulher tolerante e liberal. Valores que para outras mulheres são importantes, para a messalina são sem importância. Quando o pastor chegar a ser liberal e tolerante demais deve pensar que chegou a hora de reexaminar-se. Salomão tornou-se tolerante e liberal no fim da vida. E isso lhe trouxe, a ele e ao povo de Israel, grande tristeza. Maridou-se com mulheres pagãs, que reclamaram altares nos palácios, para ali poderem adorar seus deuses. E Salomão assentiu liberal e tolerantemente em que esses altares fossem erguidos. Com isso, ele traiu a Deus, volveu as costas ao Deus verdadeiro, ao Deus vivo, que tantas vezes o ajudara e favorecera. Tudo isso aconteceu porque Salomão se fez tolerante e liberal, transigindo com a maldade. Tal como seu pai Davi, ele falhou, não vigiou severamente e austeramente seu coração.

O contrário também ocorre: há pastores que por intolerância e estreiteza moral fazem mal à causa de Deus. Entendem esses tais que o homem há de ser perfeito e não admitem que no reino de Deus haja lugar para o que falhou em sua vida. Por qualquer pecado, acham que o membro da igreja deve ser eliminado, sem buscarem auxiliar, o que caiu, a levantar-se. Insistem em condenar as coisas agradáveis, achando que o crente não deve ter vida feliz, mas de sofrimentos. E, assim, sofrem eles, sofrem as pessoas de sua igreja, e a causa de Cristo sofre juntamente. Abra você, porém, seu coração ao sublime amor de Deus, deixe que este amor invada todas as suas relações com as outras pessoas, e assim conhecerá os genuínos valores da vida eterna. Os problemas de tolerância ou da intolerância deixarão de existir e o trabalho de Deus prosseguirá bem.

No que concerne às relações do pastor com as mulheres, já dissemos o que convinha, dedicando à matéria todo um

capítulo. Resta, ainda, relatar brevemente uma coisa mais sobre o assunto do coração enganoso. Certa feita, um pastor portou-se de tal modo que provocou graves suspeitas no povo de sua cidade. Em razão disso, foi convocado a comparecer perante certa associação de que fazia parte sua igreja. Chorando, ele negou tivesse cometido qualquer pecado. Foi inútil seu protesto de inocência. Não tiveram compaixão dele. O presidente da dita associação atacou-o violentamente, denunciando-o. Falou, com veemência, da respeitabilidade da vida de um pastor, da importância da vida pura e da significação do pecado que era imputado ao irmão. Foi o pastor eliminado da associação e retiradas suas credenciais. Teve ele, perdido o cargo, de voltar aos trabalhos seculares, já estava quase esquecido o incidente, quando, numa noite, para horror e consternação da comunidade, aquele homem descaridoso para com seu colega, que o acusara com tanta energia, levando a associação a excluí-lo, confessou, por seu turno, que era culpado não só duma indiscrição, mas também de adultério. Pouco tempo antes, ser-lhe-ia difícil admitir que ele também estivesse sujeito a tais erros humanos, que a ele também pudesse acontecer o mesmo que a seu colega tão duramente criticado e por ele denunciado. Jeremias era quem poderia entendê-lo.

No Texas há uma cidade chamada Huntsville, onde está localizado um grande presídio estadual. O Chefe de Polícia daquela cidade contou a seguinte história a respeito dum homicida que fora eletrocutado. Veio o condenado já preparado para a execução. Antes que se sentasse, o guarda perguntou-lhe se queria dizer ainda alguma coisa. Ele respondeu que sim. E disse: "Senhores, dentro de dois ou três minutos estarei morto. Faz-poucos meses, que num acesso de ira, matei quatro pessoas. E agora não sei explicar por que as matei. Não sei por que matei. Nunca me considerei um Criminoso. Nunca fui preso antes dos homicídios pelos quais agora vou morrer. Não poderia nunca pensar que isso me pudesse acontecer. Todavia, aconteceu. E eu lhes digo, com o desejo de ser ouvido: cuidado para que

isso não lhes aconteça também, pois a isso estão sujeitos." Terminando de falar, sentou-se calmamente. Os oficiais afivelaram-no. Contorceu-se por alguns instantes dentro das correias, e morreu.

Deverá ser esta uma lição para nossos corações. O pastor deve cuidar-se, permanecer em atitude de oração. Não há tempo algum em que possa deixar de guardar seu coração e conservar a pureza de sua vida.

Jeremias tem uma constante mensagem para o homem vocacionado por Deus. Escutem-no todos.

VOCÊ E O PÚLPITO

O púlpito deverá ser como o trono do pastor. É ele um lugar sagrado. Nenhum outro lugar envolve maiores responsabilidades do que o púlpito numa igreja evangélica. Só deveriam ocupá-lo homens puros, diferentes dos do mundo, homens cuja vida se pautasse por idéias nobres e fossem dotados de ambição elevada. E que o púlpito pertence a Deus. É o caminho por onde se levam almas a Deus.

Fala-se muito e por diversos meios sobre as condições morais do mundo. É o assunto de jornais, de palestras e conversações por toda parte. Enganar é um modo de vida. Desonestidade e inveja são as violações ordinárias das leis morais da sociedade do nosso tempo. Os intelectuais descrevem, com pessimismo e pesarosos, a deterioração e enfraquecimento da moral básica nacional. Tem-se trazido em questão se o povo americano ainda tem força moral para enfrentar a guerra nuclear, ou, ao contrário, se se entregará sob quaisquer condições. Por quê? Por que nossa nação estaria mais fraca do que antes fora? Há mais sombra do que alegria, mais preocupações que felicidade em cada pessoa. Por quê? Por que há tanta gente angustiada, tantos desonestos, arrogantes e rixosos? E, em nossas igrejas, por que tantos crentes sem maturidade cristã? Há crentes egoístas. Crentes que sentem medo, que estão apreensivos, deprimidos, desanimados. Por quê? É que os pastores, no púlpito, não estão entregando mensagens apropriadas às necessidades do povo. Há alguns que consomem menos tempo no preparo da mensagem do domingo do que fazendo a feira num dia da semana.

Como poderei eu dizer o que deve ser dito, escrever o que deve ser escrito sobre o nosso tempo, sem parecer fanático, intolerante, exagerado, demasiadamente crítico ou

mesmo fariseu? Sinto, porém, que devo suportar o que quiserem pensar de mim e não deixar de dizer toda a verdade, sem me embaraçar com as opiniões alheias. Por desagradáveis que sejam os fatos, força é enfrentá-los. A filha mais pequena de certo pastor perguntou-lhe: — Papai, qual a razão de você inclinar a cabeça toda vez que sobe ao púlpito?

Respondeu-lhe o pai: — É que estou a falar com Deus, pedindo-lhe que me dê uma boa mensagem para pregar.

Insistiu a filha: — Por que, então, ele nunca a dá?

Quando o pastor chega ao púlpito já é demasiado tarde para orar e impetrar inspiração para as mensagens. Se antes de ali chegar já não se preparou convenientemente, não será quando já estiver na hora de pregar que adiantará pedir a Deus que o ajude. Ninguém guia ninguém além do ponto a que chegou. Muitos procurarão justificar-se, alegando falta de tempo para o preparo de sua mensagem. Se o homem não agarrar o tempo, este realmente nunca lhe chegará. Há que tomá-lo, apropriar-se dele, se quiser ter tempo. Todo pastor tem o dever de estudar, orar, organizar sua prédica de modo que ela tenha valor para os ouvintes, que têm fome no coração: fome do evangelho, fome da Palavra de Deus. Já tive ocasião de ver pastores desperdiçarem tempo dos ouvintes sem nada lhes dar de substancial, por falta de preparo prévio. E creio que muitos já assistiram a cultos assim, sem mensagem. Pode dizer-se que, se ali havia cinqüenta pessoas, foram cinqüenta horas perdidas, dois dias úteis, que poderiam ter sido empregados na explicação da Bíblia, iluminando e ensinando.

Há muitos tipos de mensagem para o púlpito. E há pastores que pregam mais em sentido negativo que positivo. É mais fácil falar contra alguma coisa, perdendo-se em generalidades, do que preparar-se para dizer alguma coisa especial e positiva. É certo que o pecado há de ser denunciado, aos brados. Mas pregar a Bíblia é mais que denunciar pecados. Quando o pregador põe toda a ênfase em pontos negativos da vida espiritual e exclui da sua palavra os

maravilhosos aspectos positivos de Deus, poderá dizer-se que ele se faz culpado de pregar uma mensagem vazia, que não revela realmente a necessidade de sermos o que devemos ser.

O cristianismo não consiste só em não beber, em não fumar, em não jogar. É mais que isso. Pode o homem não praticar nada disso, e, todavia, nada valer para o reino de Deus. O morto está certamente liberto dos maus hábitos. Mas o de que necessita o nosso tempo é de homens vivos, de vidas não apenas limpas, senão também produtivas, fundamentalmente produtivas para o Senhor.

Naturalmente, o pastor que é fiel irá insistir nos perigos do inferno, mas sem se esquecer de apontar ao povo os esplendores do céu. Ao homem mau decerto se lhe dirá que terá de dar contas a Deus no dia do julgamento final. Mas que também se diga ao justo que há coroas à espera daqueles que se mantiverem fiéis a Cristo nesta vida. Há que dizer-se que o mesmo Deus que abala a terra com estrondo e risca os espaços celestes com relâmpagos também estende no céu a suavidade do arco-íris. Nunca deve o pregador deixar o púlpito sem mostrar, aos que se submetem e se humilham, o arco da aliança de Deus com os homens.

Suponhamos que você, pregador, em suas próprias meditações, entendeu que deve pregar um evangelho ousado, sem reboços; resolveu pregar a Palavra de Deus intimoratamente e sem respeitos humanos, que não será mercenário. Por isso esteve de joelhos, em oração. Agora, sente que está preparado para pagar o preço de sua resolução.

Então, agora...

Haja cuidado, meu jovem pastor! Não pense que você é espiritualmente superior aos demais colegas. Não se permita pensar que é o único a pregar o evangelho da verdade, o único fiel à Bíblia, o único que tem suficiente coragem, o único pastor que prega mensagens positivas. Se há falsos profetas no mundo, se há muitos anticristos, pregadores, evangelistas e pastores mercenários, é, por outro lado, certo

que há também os que trabalham sinceramente para a divulgação das grandes e fundamentais verdades do evangelho, lutando pela maior glória de Deus. E saiba, meu jovem pregador, que se você conhecesse as condições em que laboram e produzem certos obreiros da seara de Deus, você haveria de sentir-se humilhado.

Pregando, não deixe que o povo duvide do seu amor para com ele. Ainda apontando os perigos do pecado, deve fazê-lo com prudência, humildade e amor. Diga ao seu povo freqüentemente que o ama.

Mostre isso com fatos. Seja pastor, e não tirano; seja líder, e não ditador. Seja correto para com os que o ouvem; revele-lhes os fatos tais e quais são. Mas, antes que largue o pincel, pinte-lhes um quadro de esperança. Insista em dizer ao povo que Deus o ama, que Deus lhe quer dar salvação e eterna esperança. Apresente-lhe o Salvador dorido e ensangüentado e diga-lhe que só nele está a solução para todos os problemas da alma. Quando você tiver atuado assim, esteja certo de que foi fiel à vocação de Deus.

Não humilhe do púlpito jamais seus ouvintes. Não faça do púlpito tribuna de acusação contra pessoas individualmente. Seria impertinência e até covardia de sua parte. Não só aquele que fosse atingido por suas palavras diretas, mas mesmo aqueles que não simpatizam com a vítima não se sentiriam bem, vendo que você deixou sem defesa nem resposta o atacado e abusou de sua posição privilegiada. Quando for o caso, vá pessoalmente falar, em separado, à pessoa que precisa ser, advertida. Será, assim, mais útil, mais discreto. Nada se ganha em humilhar alguém publicamente.

Pensem, agora, na situação do pastor no púlpito. Não que ser ali observadas algumas regras básicas. Refiro-me às boas maneiras do pregador, que deve manter uma postura que revele integridade e bondade. É menos importante que isso, tudo aquilo que decorre do talento pessoal do pregador e de sua personalidade. A pessoa deve ser o que Deus quer

que ela seja. Billy Sunday era atleta, por que lhe era natural pular e saltar na plataforma como lhe era natural respirar. Por isso alcançou êxito. O bom ou mau êxito do pregador depende da observância dessa espontaneidade e naturalidade. A pregação não tem por objetivo a observância de regras convencionais: o fim da pregação é alcançar, com sua mensagem, o coração do povo. Se tivesse sido ensinado a Billy Sunday ficar hirto por detrás dum púlpito, como estátua, possivelmente, nunca o tivessem ouvido milhares de pessoas e não se tivessem salvo.

Há muitos "chavões" na pregação dos pastores modernos. Pregadores há que foram treinados em como gesticular, modular a voz, fazer os gestos com uma ou com ambas as mãos. Esqueça-se disso, jovem pastor! Quando for pregar, pregue. Fique à vontade. Exerce. Deixe que o povo creia que você acredita no que prega. É possível que algum crítico formal e afetado não goste de seu modo, mas você sacudirá almas. E é tudo. Seja você mesmo. Se você é de seu natural expansivo e alegre, mantenha-se assim no púlpito. Com isso não quero inculcar que você seja um palhaço, um macaco ou acrobata no púlpito. Mas seja o que você é, tal como Deus o fez.

Já tenho ouvido muitas críticas a pregadores que gritam, que clamam veementemente no púlpito. Não estou, porém, certo se é o grito ou o sentido das palavras que atinge as pessoas. O pastor das maiores igrejas do mundo é daqueles que gritam, que usam, choram e ficam de rosto rubro. Ele certamente viola todas às regras convencionais da oratória, mas sua pregação é eficaz, converte almas. Ao som da sua pregação, os crentes crescem em espiritualidade. Homens ricos, semanas após semanas o ouvem, assistem aos seus sermões. E não são apenas membros de igreja, mas membros ativos no trabalho. Professores universitários e de seminários ouvem-no e se alimentam de sua mensagem. Sua igreja levanta mais dinheiro por ano que qualquer outra, em qualquer parte. E, todavia, ele é um pregador que só prega gritando. Se o pregador sai a clamar que clame, se é que tem

alguma coisa a proclamar. Porém barulho só não basta; gritos só não edificam. Trovoada sem chuva não faz as plantas medrarem. Se for do seu natural gritar no púlpito, grite, mas que venha chuva após a trovoada.

Por vezes, não tem o pregador nada a dizer. Então ele grita, para esconder a pobreza de sua mensagem. Neste caso, só ele se engana, porque os ouvintes, esses sabem o que se passa com o pregador.

Certo pastor foi remisso em preparar o sermão para a manhã de domingo. Apressadamente escreveu alguma coisa e fez observações à margem. Durante a pregação, o vento carregou o papel pela janela, vindo o diácono a achá-lo depois no jardim. Foi muito divertido o que estava anotado à margem de certo ponto do esquema: "Este ponto é fraco. Grite bastante, bem alto." O sermão tem de ser previamente preparado, para poder atingir corações.

Não tenha medo de mostrar emoção, quando ela ocorrer durante a pregação. As lágrimas, em tais casos, revelam o sentimento de que está o pregador possuído. Se seu coração estiver excitado, saiba que o dos outros também o está. Isso pode significar que a terra está arada e úmida, pronta para receber a semente. A adoração verdadeira, eis a tarefa do coração, e não da mente. Se a mensagem não alcançar o coração do homem é de duvidar se ele o ajudou em alguma coisa. O que se há de dizer, nesse particular da emoções, é que não devem ser reprimidas, mas também não exageradas. Não as evite quando chegarem, mas não tente pregar para fazer o auditório chorar. Pregue, no entanto, contra seus pecados, sobre seus problemas, desejos, esperanças, suas angústias e suas incertezas. Muitos serão tocados e talvez chorarão. Sairão da igreja mais ricos da experiência por que acabaram de passar.

Deve o pastor, bem cedo, em sua vida ministerial, munir-se de um bom número de ilustrações para usar em seus sermões. As melhores ilustrações são as que saem da própria vida. Raramente se encontram boas ilustrações nos

livros. Elas surgem da feira, do mercado, das viagens em coletivos, das estradas, dos campos, das casas. Onde quer que pulse o coração do homem, ali existirá uma estória boa para ilustrar um sermão, colorindo, explicando, encantando. A qualquer momento pode surgir uma boa ilustração. Esteja atento para apanhá-la, e aplicá-la. Onde quer que a encontre, tome-a. "Ainda as vidas mais humildes têm estórias vividas de grande substância. Utilize-as com propriedade.

Certa ocasião, em viagem, surgiu uma cena de muita riqueza espiritual. Era a de um matadouro de muita graveolência. Ali se transformava a carne de animal em fertilizantes. Caminhões traziam, de toda parte, animais mortos. A carne do animal era cozida depois de escapelada e premida em feitiço de bolo. O fartum que dali se desprendia era intolerável. Quando, certa feita, comprimia o nariz, evitando o mau cheiro, vi, num caminhão, que havia quinze ou vinte velhos animais que aguardavam a vez de serem mortos e sua carne ter o tratamento industrial. Veio-me desse espetáculo o pensamento de que aqueles animais tinham sido até ali úteis, tinham realizado muito trabalho, e agora, inúteis ao serviço, iriam juntar-se aos outros nos caldeirões a serem convertidos em adubo. Tomei o fato para dele fazer minha ilustração de clara aplicação espiritual. Homens há que servem a Satanás durante toda a vida, dão-lhe o melhor de sua mocidade, a flor de sua juventude. Chegados ao fim, que lhes acontece? A morte, o inferno.

Os jornais são também um repositório de ilustrações. Sermões de outros pregadores podem estimular seu pensamento, abrir suas idéias. Busque as ilustrações que vêm da vida, donde quer que procedam. Poderão elas ser como janelas que façam claridade em sua mensagem, e permitam ver a essência da mesma, ajudando a ver e discernir as coisas maravilhosas de Deus.

Não leia seu sermão. A leitura desvia o olhar, que deve estar posto no ouvinte. Olhando para o povo, sua mensagem torna-se mais poderosa, ganha em vigor e sentido.

Dois velhos voltavam à casa depois do culto. Um deles perguntou ao outro o que tinha achado da mensagem do novo pregador, naquela manhã, ao que respondeu o companheiro: — Achei-lhe três defeitos. Primeiro, ele leu o sermão; segundo, leu mal; e terceiro, o que leu não tinha valor.

Se tiver que ler seu sermão, saiba lê-lo e faça que ele contenha alguma mensagem para os ouvintes. Não digo que meça suas palavras; apenas digo que deve pesá-las. É a qualidade e não a quantidade das palavras o que mais importa. É nisso que elas diferem: no peso, e não no número. Que tamanho deverá ter um sermão? poderá alguém perguntar. A resposta é: Deve ter o tamanho necessário para alcançar seu objetivo. Ver-se-á, com surpresa, que é curto o caminho e pouco o tempo a gastar-se para o sermão alcançar seu fim. Quase todos os pregadores falam muito. É isso falta de planejamento prévio para desbastar o sermão e pôr em claro as idéias que precisam ser salientadas. Em meia hora, ou ainda menos, pode ser feito um sermão e nele dizer-se tudo que convém. Poucos são os pregadores que conseguem prender a atenção dos ouvintes durante uma hora ou mais. Lembre-se de que um sermão é um sermão e não uma corrida olímpica. Não se julga um sermão pelo tempo gasto, mas pelo seu conteúdo e seus resultados. Se Deus estiver dirigindo suas palavras, continue até que Deus termine. E, nesse caso, saiba que foi Deus, e não você quem falou. Se não for breve, certamente virá a perder seus ouvintes. A história da criação do mundo está contada, no Gênesis, em apenas quatrocentas palavras, e os dez mandamentos estão expressos com duzentas e noventa e sete.

Tudo que pretendi dizer sobre você e seu púlpito se resume nisso: Antes de pregar seu sermão, prepare-se e ore. Entregue sua mensagem com naturalidade. Alcance com ela

o coração dos pecadores, com ela alimente os crentes, para crescerem na vida cristã. Focalize seus propósitos antes de pregar, para não perder a atenção dos ouvintes com sua verbosidade. Pregando assim, preparando-se antes, mostrando-se interessado pela sorte dos pecadores, trará, sem nenhuma dúvida, maior glória para Deus e muitas almas para seu reino.

VOCÊ E SUA FAMÍLIA

Abalizado evangelista, nos Estados Unidos, fez esta terrível declaração: "Por anos a fio, viajei através do país, trabalhando para ganhar as almas dos filhos dos outros homens. E os meus, deixei-os entregues à própria sorte, e talvez tenham ido para o inferno." Que isto não seja literalmente verdadeiro, porque é por demais duro. Sirva, porém, tal afirmação como advertência aos pastores que têm filhos. O pregador da Palavra de Deus tem muitos ônus para com o mundo, mas, nem preciso dizê-lo, tem inadiáveis obrigações para com sua família. A mulher do pastor merece, pelo menos, a mesma cortesia que é dispensada às outras senhoras da igreja; e os filhos do pastor fazem jus a idêntico tratamento dado às outras crianças e jovens da igreja. É bastante para estranhar que mui freqüentemente as necessidades espirituais da família do pastor sejam esquecidas, como se não tivesse ele para com sua casa e seus familiares inadiáveis deveres, como se não fossem a sua mulher e filhos carne de sua carne, ossos de seus ossos.

Poucas mulheres terão, nesta vida, tamanha carga de deveres como a de um ministro de Deus. Tem ela de sofrer dificuldades que outras não tiveram, nem nunca talvez terão. E, apesar de tudo, deve manter um rosto sempre alegre e sereno, de modo que seu semblante não revele as incontáveis preocupações de sua alma. Ninguém conhece o pastor como o conhece sua mulher. Sabe quando está cansado, desanimado, desapontado, e quando está irritado, e, por isso, grosseiro. É que ela o vê tal como é, na intimidade do lar, podendo ali vê-lo em seus piores momentos. Lá fora, em contato com seu povo, tem o pastor de sorrir, confortar, encorajar, orar e procurar atender às necessidades de cada um. Mas em casa ele pode sorrir menos, já não precisa

manter aquela aparência convencional de quem convive com terceiros e se tornou seu guia. Sua família é sua família. Ela não irá abandonar a igreja. A sua mulher não irá exonerar-se de suas tarefas. Ninguém de casa irá demissionar-se para outra igreja. Os filhos têm de ficar com o pai. De todos os membros de sua igreja, os únicos que não lhe pedem uma postura formal e feitiça são os de sua família. Diante deles pode permitir-se o pastor ser o homem que naturalmente é. Pode retornar a casa zangado, carregado e descarregar seu mau humor sobre os familiares, que tudo terão de suportar com paciência.

Por mais que sejam desagradáveis estas palavras, desgraçadamente, é o que ocorre em casa de muitos pastores. Esta situação descrita é a realidade em que vivem muitas famílias que têm por chefe um pastor. Há casos em que a mulher do pastor do tipo aqui descrito não tem conseguido suportar e tem desertado do lar, indo embora, deixando tudo.

Agora, pastor, passe este livro às mãos de sua mulher. É com ela que quero falar. Tenho o que dizer-lhe.

Pode a mulher do pastor ser sua insubstituível ajudadora, porque terá mais facilidade do que ele em organizar e executar trabalhos. Pode ela ter idéias úteis, estimulantes, para a igreja. Mas aqui deverá ela permanecer na sombra e deixar que outrem receba o reconhecimento só talvez a ela devido, em razão do bom êxito de algum empreendimento. Embora fina e culta, não deverá levar a mal se tiver, numa emergência, de esfregar o chão do berçário, que o zelador não limpou. Isso não a deve humilhar. Há que manter-se sempre atraente, para não prejudicar o trabalho do marido, como a muitas tem acontecido. A aparência ajuda muito. Isso de cabelos desgrenhados, de físico mal aprumado e outras negligências deixa impressão desfavorável. Isso não contribui para a boa opinião que todos devem ter do casal formado pelo pastor e esposa. Ser mulher de pastor é grande privilégio. Há penosos deveres, mas há compensações morais

imensas. A mulher do pastor é sua co-responsável nas tarefas de seu ministério. É sócia na esplêndida e maravilhosa pesca de almas para Deus. Há valores imateriais e eternos envolvidos no trabalho que juntos desenvolvem. Sem dúvida, é esse o insigne privilégio da mulher do pastor, que, de outro modo, nunca poderia ter. A tarefa de converter almas é única em sua constante e imperturbável beleza.

É dever do pastor prestigiar sua mulher perante seu povo. Uma palavra discreta de louvor a ela, dita do púlpito, valerá como um salário moral, que a compensará de suas fadigas e seu desprendimento. O tratamento que o pastor tem de dispensar à sua mulher em público e em particular é um só — diferente, honroso, amável e humano. Expô-la ao riso é impróprio de qualquer marido e mais ainda do pastor. Depreciá-la aos olhos de terceiros é indignidade, que não se compadece com a dignidade da vida pastoral. Cuide o pastor da saúde de sua companheira e sócia. Saia com ela a passeios, a sós, para descansá-la das lidas domésticas e do árduo trabalho com os filhos, que poderão, passageiramente, ficar aos cuidados de outra senhora da igreja. Há vantagens tão óbvias nisso, que é inútil estar a insistir na necessidade e oportunidade de passeios, de recreação e dumas como fêrias da irritante mesmice de todos os dias em casa, por mais que seja a mulher amiga do lar. Afinal, o marido sai, participa de reuniões alegres com colegas, distrai-se um tanto e quanto, e a mulher fica emparedada em casa, na diuturnidade cansada de seus quefazeres domésticos. A mulher que não sai nem espairose fica como quem tem o nariz na parede: fica sem perspectiva.

É belo o cavalheirismo do pastor-marido para com sua mulher, ora dando-lhe a mão na travessia duma rua, ora abrindo-lhe a porta, ora cedendo-lhe a vez numa entrada e quejandas cortesias, que lhe assentam bem e a ela envaidecem femininamente. Seja cavalheiro com sua mulher, pastor. Será um bom exemplo para os homens e jovens de sua igreja.

Que sua mulher se vista bem, tanto quanto as finanças da casa permitirem. Não deverá ela ser a primeira em seguir a moda do dia, mas que se traje tão bem como a que melhor se vestir em sua igreja. Estas são pequenas-grandes coisas para a mulher. Deus não se agrada de ver que a mulher do pastor não cultiva essas dignidades exteriores que, se não definem a personalidade, nem acrescentam nada à vida espiritual, também não fazem mal a ninguém. Que a mulher seja simples e discreta no vestir-se, mas a simplicidade e a discrição não excluem o bom gosto ou a elegância.

Encoraje sua mulher, mostre-lhe agradecimento, ame-a. Leiam ambos e juntos sua Bíblia. Orem juntos. Serão, marido e mulher, um casal modelar e insuperável.

Os filhos do pastor merecem e exigem boa parte do tempo do pai e uma especial atenção. É que eles têm problemas estranhos a outras crianças, por isso mesmo que são filhos do pastor. Seus filhos tem as mesmas necessidades das outras crianças do seu grupo e de sua idade. Atente bem aos seus problemas pessoais. As crianças passam por uma fase crítica em que querem aparecer e serem tidas como companheiros "legais". De algum modo, o povo mantém idéia muito esquisita a respeito dos filhos dos pastores, como se pensasse que são crianças não bem humanas, não normais, estranhas e até afeminadas. O filho do pastor dá-se conta muito cedo dessa idéia errônea, mas corrente, a seu respeito.

Isso se torna motivo de afronta e humilhação para ele. Já não é só o problema de mostrar que é igual aos demais, e, sim, o de demonstrar que lhes pode ser superior. Isso acarreta perturbação em casa, na escola e na igreja.

Assim como dos pais já se disse neste livro, os filhos do pastor moram numa como casa de vidro. Seu comportamento interessa a terceiros. Os erros dos filhos do pastor aparentam serem mais graves que os das demais crianças ou jovens. Isso não lhes passa despercebidos e os irrita e os converte em intolerantes para com seus críticos ou que lhes pareçam tais. Mas o certo é que a maioria dos filhos de pastor merece

parabéns. No livro Quem É Quem nos Estados Unidos? encontra-se maior número de filhos de pastores do que filhos de homens de outras carreiras.

É mais fácil aos filhos de pastores que procuram mais agradar aos homens do que a Deus ajustar-se à sociedade do que o é aos filhos dum pastor que vive por sua igreja e seus problemas, que prega, claramente e sem transigência, contra o pecado, que fala contra o fumo, o álcool, o jogo e a dança. Os filhos de tal pastor encontrarão sempre maiores opositores em sua vida. O homem de Deus deverá bem cedo compenetrar-se dessa terrível, mas verdadeira realidade — que sua família tem que pagar um preço muito alto pelo fato de seu chefe ser um fiel guardião das duras verdades da vida cristã. É, pois, essencial que saiba disso e que se mantenha cordial e se nutra da leitura da Bíblia e da oração, para não ceder e, mais ainda, para saber compreender os problemas que seus filhos têm de enfrentar por serem filhos de quem são. Deve o pai saber agradecer aos filhos pelo que sofrem lá fora por amor do pai e suas tarefas.

O que quer que aconteça na vida dos filhos de pastor não deve ter o poder de transformá-los em mártires, de pensar que foram escolhidos para serem mártires. Isso poderia destruí-los, como, de resto, a qualquer pessoa. Aqui se está como sobre o fio da navalha. Há uma linha fina e delicada a separar situações. O pai-pastor deve saber levar os filhos a transpô-la. É uma linha de sombra, que é necessário ser ultrapassada. Haverá o pai-pastor de ensinar a seus filhos com sabedoria e gentileza que p caminho traçado por Cristo é realmente o melhor, mais abundante de alegria, de maior felicidade e que é nele que convém caminhar. Com todo o poder que puder, deverá o pai-pastor convencer seus filhos que eles não são separados, na vida, para o sofrimento, o mal, embora sejam, na verdade, separados, eleitos, mas para o bem. Também não devem os filhos presumir-se de bons e pensarem que só eles alcançarão o céu, porque verdadeiramente outras crianças e outros jovens são chamados para a bem-aventurança do céu, ainda mesmo que

seus pais sejam mundanos. A grande idéia que deve ser inculcada nos filhos de pastores é que eles não são nem superiores nem, muito menos, inferiores aos filhos de outros homens. Isso lhes dará equilíbrio e segurança na vida social. Aprendam eles a discordar, sem serem desagradáveis, rejeitando o que não presta, sem se tornarem arrogantes. Viver em Jesus é privilégio, e não pensem os filhos de pastor que estão fazendo sacrifício pessoal em passarem a vida longe dos prazeres mundanos. Busque o pai-pastor recreações compatíveis com a situação privilegiada de seus filhos. Permita-lhes participar de jogos esportivos, assistir ao futebol, filiarem-se a clubes escolares que não comprometam seu testemunho cristão. Deixá-los fazer viagens com seu grupo, desde que haja quem lhes tome conta, é o que o pai pode e deve fazer. Encorajá-los às competições e estimulá-los a vencerem. Dedique o pai-pastor, metodicamente, algum tempo aos seus filhos. Semanalmente saia com eles, dialogue com eles, falando de coração a coração. Vá pescar com seus filhos; fique à margem do rio e ouça a conversa inocente, vivaz e alegre que lhes irrompe da alma juvenil.

Fale-lhes da natureza e de Deus, que a criou. Faça que eles confiem em você. Enquanto estiver com eles, dê-lhes total atenção. Se sair com seus filhos, não leve junto outro adulto com quem você teria de repartir sua atenção, e seu filho ou ficaria só ou teria de ficar quieto ouvindo-lhes as conversas. As mais preciosas horas de sua vida serão aquelas que você empregar em estar junto com seus filhos. Não falhe, pastor, neste ponto também. Ensine-os desde cedo a orar. Trabalhando ou brincando, diga-lhes que podem estar sempre orando, pois que se pode falar com Deus em qualquer hora ou lugar, a propósito de qualquer assunto. Milhares de crianças nunca tiveram a doce oportunidade de se ajoelharem, com seu pai ou sua mãe, para orar. Outras tantas nunca viram seus pais orando. E é pena. Pobres crianças!

A disciplina de sua criança é de suma importância. É penoso ver-se o filho falar desrespeitosamente com os pais.

Que vergonha quando as crianças se portam mal diante de visitantes, mostrando que seus pais foram negligentes no educá-las! Quando, para conseguirem que os filhos façam isso ou aquilo, têm os pais de pedir, implorar, mendigar-lhes, chegou a hora de saber que falharam e que sua influência de pai-pastor está seriamente comprometida no seu meio. Não que faça das crianças autômatas, mas que saibam elas que há autoridade e que devem respeitar a hierarquia na família ou fora dela. A obediência, tanto como a alimentação, é indispensável à vida de qualquer um. Se a criança não aprender que deve acatar a autoridade paterna não saberá também respeitar a autoridade divina nem estatal. E isso é um desastre na vida do homem. Ensine a seus filhos a virtude da obediência desde muito cedo, e esteja certo de que pela vida afora saberão obedecer a Deus. Logo que cheguem à idade própria, faça você que eles saibam o que seja o pecado e que Jesus è o único que pode salvá-los. Ponha-lhes no coração o desejo de receberem Cristo em sua vida e nela dar-lhe um seletto lugar. Tenho visto filhos de pastores com quinze ou mais anos de idade sem que já estejam salvos. Que tipo de pai-pastor é você, se isto lhe acontece em casa, se esta é também sua dura experiência? Que fez você enquanto seus filhos cresciam na ignorância das grandes verdades?

Cuide, pois, pastor, de sua família. Instrua e encoraje-a, dê-lhe recreação e demais coisas necessárias materialmente, sem perder a direção espiritual do lar e daqueles que nele vivem, à sua sombra protetora. Isso é o que um pai sábio deve fazer. Entregue-se à sua igreja, integre-se na vida do seu tempo, sem, no entanto, esquecer que deve dar-se inteiro à família. Ela é muito importante para você. Deus ama-a tanto quanto ama outras famílias de sua igreja.

VOCÊ E SEU DINHEIRO

Por isso que o pastor, de regra, nunca tem bastante dinheiro para fazer tudo que precisa, muito cedo ele descobre que no seu trabalho os problemas financeiros são seu grande estorvo. Muitos não chegam a resolver tais problemas, que os angustiam de continuo. Outros há que, por isso ou por aquilo, ou por serem mais sagazes ou mais humildes, aprendem a viver dentro do seu orçamento comodamente e até conseguem guardar algum dinheiro para a velhice. As finanças do pastor são um ponto para que muitos olham, e insistentemente. Há quem pense que o pastor trabalha por dinheiro e que seu único interesse está nas vantagens que possa auferir. É uma falsa opinião, sem dúvida, mas existe. O pastor, pois, deve estar disposto a ir até o extremo oposto para mostrar que não é mercenário vulgar e interesseiro. O desequilíbrio financeiro ou a ganância de dinheiro influem desfavoravelmente na obra do pastor.

Muitos pastores conheci que deram em costa naufragosa; outros vi que chegaram a bom porto e salvamento nestas coisas de finanças domésticas. Aquele que é averbado de avarento entra logo em dificuldades e aborrecimento com seu meio. O homem que vive constantemente pressionado por problemas financeiros facilmente forma hábitos que podem gerar a impressão de que é um "pão-duro". Se isso ocorrer, deverá saber que seu trabalho irá ser prejudicado. Certo pastor, aliás de manifesta influência no púlpito, arruinou sua vida, numa cidadezinha, pela mesquinhez que manifestou no comércio e em seu comportamento público.

É corrente, nos Estados Unidos, comerciantes darem descontos nas vendas feitas a um pastor. Se isso lhe é oferecido, aceite, se quiser; mas não o peça por ser pastor. Essa vantagem é um presente, e não fica bem pedir presentes

a ninguém. O comerciante certamente terá prazer em dar desconto espontaneamente. Se lhe for pedido, talvez não goste. O pastor não deve tornar-se conhecido como explorador. A prática de fazer visitas justamente na hora das refeições, visando aproveitar-se disso, é fatal para a respeitabilidade do oportunista. Os de casa poderão insistir com você para que almoce com eles, mas no íntimo desejariam que você não tivesse chegado exatamente na hora do almoço. Não devem o pastor e sua família estar presentes a jantares e festas para que não foram especialmente convidados. E, se o forem e cada qual deve levar seu prato especial, leve-o também a família do pastor, partilhando do mesmo modo da alegria e das despesas. O povo não deve pensar que o pastor tem o bolso costurado. Esteja sempre pronto a pagar pequenas despesas, antes que outrem o faça. O povo facilmente dá conta disso e, se essa fama se espalhar, sua obra ficará prejudicada. Se convidado a fazer conferências e se a igreja o hospedar em hotel ou pensão de qualidade e lhe der autorização para pedir extraordinário, não abuse, seja prudente, mantenha-se no limite das conveniências, com o que mostrará cortesia para com a igreja hospedeira.

Pode ser que ninguém lhe fale sobre seu abuso. Mas, por ocasião do relatório do tesoureiro, todos ficarão sabendo de seu oportunismo e pensarão coisas desagradáveis a seu respeito. Sentando-se a comer, lembre-se de que está sendo usado dinheiro necessário a despesas com o trabalho de Deus. Sairão os seus gastos indevidos cobertos pelas contribuições de pobres, do dízimo da viúva que ganha seu dinheiro lavando para fora. Tal dinheiro é como se fosse sagrado, e não é para ser esbanjado.

Certo pastor fez uma série de conferências numa igreja. Ficou assentado que, no hotel onde ficaria, ele só tomaria o café da manhã e almoçaria, porque o jantar, por ser mais dispendioso, lhe seria servido na casa das famílias da igreja. Quando o hoteleiro apresentou a nota das despesas, pôde ver-se que o pastor fizera uma conta exorbitante. Foi paga,

mas sem alegria. A decepção que todos tiveram não decorreu dos gastos feitos, mas do mau comportamento do pastor, de quem não era lícito esperar que agisse daquele modo.

Em conferências, os problemas de dinheiro sempre ocorrem. Que atitude deve o conferencista tomar em relação a isso? Pessoalmente, acho que ele o deve deixar a cargo da igreja que o convida. Pode acontecer que alguma vez você volte de suas conferências pensando que a igreja foi avara para com você, que mal remunerou seus serviços. Se você, para prevenir situações assim, entrar a conversar previamente sobre emolumentos, ou honorários, bem poderá ocorrer que prejudique de saída a eficácia de suas pregações. O pastor que vive de salário certo leva vantagem sobre o evangelista, que vive aleatoriamente e exclusivamente do produto de conferências. O salário do pastor é certo, mesmo quando está fora, pregando. Sua família morando na casa pastoral. Terminada sua série de conferências, ele sabe que tem sua casa para voltar. Já o evangelista não tem nada de certo. Não tem casa fornecida pela igreja, não tem receita certa, têm despesas certas. Gasta sua vida fora do lar, longe da família, entre estranhos. Se não for muito popular, poucas coisas lhe serão ofertadas por amigos. Seu sustento está na dependência do que lhe paga a igreja pelas conferências que realizar. Se a remuneração for pequena, o que ele tem a fazer é sorrir e esperar que a próxima igreja saiba melhor compreender suas necessidades e lhe dê um pouco mais para as coisas da vida. Se o evangelista tem a humildade e o desprendimento de nada pedir antes, terminado seu trabalho, o pastor da igreja visitada deve fazer que seu trabalho seja bem estipendiado. Diga ao povo de sua igreja que o evangelista vive das ofertas que lhe são feitas. E que ele vive só do que receber por suas conferências, não tendo outro meio de subsistência. Conhecem-se bem os evangelistas que insistem em questões de dinheiro, que falam sobre a oferta que esperam receber. Isso desgosta os crentes. É desagradável ouvir o evangelista estar a contar de sua vida pobre e dos sacrifícios que faz para servir a Deus. Pode isso

render-lhe mais emolumentos, mas não compensa a má idéia que deixa atrás de si, ao cabo das conferências. O povo conhece quem é sincero e quem não o é.

Poderá parecer fora de propósito que um escritor esteja a falar de que há pastores que não pagam seus débitos ou que são remissos no fazê-lo. Os pastores, por isso mesmo que são homens de Deus, devem dar o exemplo da pontualidade na solvência de suas dívidas. É fama que certo pastor saiu duma cidade devendo alta soma a uma firma poderosa. Sua desculpa em não pagar foi a de que sua família necessitava mais que a firma credora, que era muito rica. Isso não é próprio de homens dignos e menos ainda de um pastor de almas. O crédito do homem é como um pântano, em que ele pode submergir e perecer. Há pessoas que parecem intoxicadas ou anestesiadas quando começam a comprar a crédito. Ficam oberadas de dívidas e não podem mais sair do atoleiro em que se lançaram. Todos estamos sujeitos a essas situações deploráveis. Não caia nisso o pastor. Mas, se lhe acontecer um desses infortúnios, que exigem despesas e você não puder solver nas datas seus compromissos, vá a cada credor e lhe explique o que está sucedendo. Reafirme a vontade de pagar e pague realmente, assim que possa. Muitos devedores fogem de seus credores, não respondem a cartas, não lhes passam mais pela porta do estabelecimento. Essa conduta é errada. Não fuja dos credores. Não espere que eles o procurem. Vá você mesmo a eles, dê-lhes satisfação. Entre em acordo com eles, parcele a dívida para pagamentos quinzenais ou semanais ou como for. Assim conseguirá manter seu crédito e o respeito dos homens fora de sua igreja.

Se tiver de mudar-se de sua cidade, visite antes seus credores, diga-lhes para onde vai, e deixe-lhes o novo endereço. Afirme-lhes que os pagamentos prosseguirão normalmente. Adquira o pastor os hábitos de poupança desde cedo em sua vida ministerial. Guarde alguma coisa para eventualidades ou para a velhice. Quanto ganha não vem ao caso. O que importa é guardar para o dia de amanhã.

Seja providente, sem fazer disso o fim especial de sua vida. O pastor também adocece. (*) Sua família adocece. Ele pode vir a perder o pastorado. A velhice pode chegar cedo. Aos trinta ou aos quarenta anos, a velhice pode parecer distante a um homem. Mas um dia ela chega e não deve apanhar o pastor e sua família desapercibidos. Guarde, pois, um pouco de seu salário cada mês.

Já ouvi muitos pastores dizerem que, se tivessem trabalhado com toda a sua capacidade para ficarem ricos, teriam enriquecido muito facilmente. Talvez. São atualmente poucos os que sacrificaram esse desejo de ficarem ricos. Muitos entendem que, ao lado do ministério, devem ser também professores, advogados, ou exercerem outra profissão que lhes assegure melhor renda. Se você souber cuidar bem de sua igreja, dando-lhe todo o seu tempo, verá que cedo ela lhe poderá dar aquilo que você ganharia fazendo outros trabalhos.

Se você se divide em atividades fora da igreja, é certo que não pode esperar que ela tenha meios de o remunerar como você deseja e precisa. A própria igreja será a primeira a pensar que você não precisa de ganhar dela mais do que já ganha, visto que você tem outras fontes de renda.

Não pense que o mundo lhe deve especial consideração por você ser pastor. Sinta você mesmo o privilégio de haver sido escolhido e chamado. Se lhe for necessário um sacrifício para manter-se dentro desse imenso privilégio, faça-o. A recompensa virá.

* Quando eu, Judith Brice, tradutora deste livro, ainda estudante no Seminário, necessitei de ser operada, tive grandes despesas. Tinha para o hospital e o anestesista, mas faltava dinheiro para o médico. Disse isso ao médico e ficou combinado que pagaria mensalmente dez dólares. Terminados os estudos, tive de ir para uma igreja distante. Fui ao médico e garanti-lhe que mandaria todo mês os dez dólares. E assim ia sendo feito pontualmente durante dois anos. Um belo dia chegou uma carta do médico, dizendo que cancelava os restantes cinquenta dólares da dívida, que, assim, estava saldada, acrescentando que o fizera em reconhecimento da minha pontualidade. Pode parecer pouca coisa materialmente, mas o que está por trás disso é que é grande. O médico sabia que poderia confiar em mim. Isso é que é importante na coisa. Não era o médico crente. Talvez esta honestidade no caso tivesse podido deixar-lhe uma excelente impressão dos crentes.

Saiba, pastor, que seu chamado é nobre e altíssimo. Não o troque por qualquer outro trabalho do mundo.

11

PASTOR, NÃO FALHE AQUI

O velho homem, cansado, deitou-se em sua cama, e, fixando em mim seus fracos olhos, falou-me com branda voz: "Se tivesse de viver outra vida neste mundo, uma coisa eu estou certo que faria: sempre que subisse ao púlpito para pregar, pregaria a salvação." Tinha ele sido um bom pregador. E agora, aos noventa e dois anos de idade, ali se deitou para morrer.

Salvação! eis o tema central do livro! Isto é água no rio; oxigênio no ar; ouro na mina. Sem este tema, fica a Bíblia despojada; sem esta água, o rio fica seco e o seu leito vazio não tem valor; sem o oxigênio, o ar perde sua vitalidade, e sem ouro, o minério é calhau, pedra, somente, e a mina, um perigoso abismo.

Salvação! Impulso do coração de Deus; desejo de Jesus ("Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" — Luc. 19:10); aspiração do apóstolo Paulo ("Porque eu mesmo desejaria ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne" — Rom. 9:3).

Salvação! o objeto da cruz; o propósito do sangue; o resultado final do sepulcro vazio.

Sempre haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende. Alegria, sim, no outro mundo!

Dez mil bombas de hidrogênio poderiam explodir sem abalar uma estrela que fosse. A salvação, porém, do pecador causa alegria até além das estrelas. Vasta e profunda é a

influência do ganhador de almas: ele produz felicidade até no outro mundo.

E não é realmente terrível isso de que tantas multidões ainda ignoram como ser salvas? Pasma, com efeito, que tantas criaturas inteligentes não tenham idéia real do significado da salvação.

Muitos milhões de brasileiros, por exemplo, cultos, versados em vários ramos do saber, nem sequer suspeitam de como poderão valorizar sua alma, preparando-se para o mundo que há de vir após a morte.

E como pode ser isso? E por que não sabem como ser salvos? É porque não estamos cumprindo nosso dever de dar testemunho da verdade salvadora! É dever precípua do pastor, da igreja, no lar, onde quer que esteja, insistir na necessidade da salvação, explicando como fazer para alcançar a salvação, como poderá o homem ganhar o céu e nele viver eternamente, obtendo o perdão de seus pecados.

Poucos, na verdade, são os pastores que pregam acerca disso. É só o verificar quem queira. Ao ouvir um pregador, note, durante sua mensagem, se ele falou de como pode alguém ser salvo; se ele dissertou sobre os fatos básicos da salvação — morte e ressurreição de Cristo. Observe se ele falou nessas coisas. Veja bem se ele dedicou algum tempo do seu sermão à explicação do significado do sangue de Cristo ou da importância do sepulcro vazio. Terá ele dito que a alma de algum ouvinte tem sua necessidade particular e especial e que Cristo poderá acorrer a ela e dar-lhe cabal satisfação? Terá ele esclarecido como confiar em Cristo? Se se fizer atenta observação, ver-se-á que a maior parte dos pregadores falha nesse ponto, deixando seus ouvintes na ignorância daquilo que precisavam saber e lhes não foi dito.

O termo "Deus" fica desprovido de sentido e poder se não for posto em relação com Jesus. Fora do seu maravilhoso Filho, não há outro caminho para o conhecimento do Deus verdadeiro, para o homem chegar até Deus. Esta verdade deve ser imperiosamente dita e redita ao povo. Isto deve ser

feito para evitar que se deixe o povo confuso, permitindo, assim, que ele, entregue a si mesmo e sem ensinamentos, tire suas conclusões, talvez inexatas, sobre tamanho assunto. É digno de crítica que o pregador, falando em Deus, não fale também em Jesus.

Certa vez fiz longa caminhada para ouvir famoso pregador. Tratava-se de uma série de conferências, para as quais era o grande pastor esperado com alegria. Deve ser dito que aquele era o pastor ortodoxo, como o demonstrou bastas vezes, falando ou escrevendo. Ele cria na Bíblia e cria que Cristo é o único meio de salvação. Haveria umas mil pessoas para ouvi-lo naquela noite. Muitos eram descrentes e foram até ali prontos para ouvirem uma rica mensagem, de acordo com suas necessidades espirituais. O pastor assumiu lugar no púlpito. Estava bem-humorado, pelo que nos fez rir uns trinta minutos. De minha parte, ri gostosamente, como outros também riram entusiasticamente. Falou de tudo, menos de Cristo, como Salvador. Em nenhum momento falou do sangue, da cruz, do imenso sacrifício de Cristo. Uma ou outra vez, deixou, por acaso, escapar o nome de Jesus. Não mencionou nenhuma vez a palavra salvação nem falou das necessidades da alma faminta, em dúvidas. Por derradeiro, fez o costumeiro apelo. Pôs-se junto à mesa da comunhão e pediu: "Venha a Deus." Fiquei sem saber o sentido de sua chamada, "Venha a Deus".

Sei que é fácil criticar os que não alcançaram êxito. Mas não quero fazer-me crítico de ninguém. Uma coisa, porém, é certa, a saber: temos que pôr o machado na raiz da árvore. E por não anunciarem o que Deus requer duma alma para ela ser salva, è que nossas igrejas não têm luz, são inexpressivas. È por isso que se perdem as oportunidades de vê-las crescer, renovar-se, e por essas e outras razões è que o povo perece sem ser salvo. É pouco informado do que realmente interessa — Cristo, sua morte e ressurreição. Nossos púlpitos são responsáveis por esta situação.

Tive excelente professora. Era boa e respeitável amiga. Ainda depois de formada por uma universidade, freqüentou outra, de nomeada, no norte dos Estados Unidos, fazendo curso superior. Era inteligente, e de muito preparo. Boa pessoa para com ela se relacionar. Esta professora, que durante quinze anos freqüentou uma igreja e com tal assiduidade que foi premiada por nunca haver sequer chegado atrasada à Escola Bíblica Dominical, onde dirigia uma classe de meninas, nada sabia do plano de salvação. Fiquei grandemente surpreso de tal ignorância religiosa em quem sabia tantas outras coisas. Ela sabia muita coisa acerca de Jesus e o amava, mas desconhecia tudo sobre sua vinda à terra, sobre o sentido de sua morte, sua terrível morte na cruz. Disso ela nada sabia. Também do arrependimento ela nada conhecia, e tudo lhe parecia estranho, como se nunca houvesse freqüentado uma igreja. Como pode ser isso? Certamente o pastor, em tantos anos de pregação, nunca tratara desses problemas essenciais. Tivesse ele falado nessas coisas, e ela teria compreendido tudo, porque era mulher intelectual. Pense, pastor, que isso pode ter acontecido em seu ministério: falou muito e não disse o necessário, o essencial, porque não falou sobre a salvação. Deus sabe quantos estarão na mesma situação daquela professora de que acabo de falar. Há quem pregue muito contra o fumo, o jogo, a dança, e se esqueça do principal, que é explicar como Cristo pode e quer salvar. Muitos terão perecido por essa falha do pastor. Que Deus o ajude a não falhar aqui, como outros falharam lamentavelmente.

Lembre-se de que, sempre que houver gente a ouvi-lo, haverá alguém que ainda não está salvo. Pode bem ser que seja um estranho no lugar e que sua solidão o houvesse levado até a igreja. Bem pode acontecer de ser ele um marido obstinado, cuja mulher esteve orando longamente por sua conversão. Nestas circunstâncias, agradeça a Deus a oportunidade, pois ali está quem precisa de sua ajuda. É possível que ele jamais volte a ouvir uma pregação. Seja leal, meu caro pastor, seja leal a Deus num momento assim. Não

comprometa sua vocação, responda a ela. Diga aos não salvos de que modo poderão encontrar salvação. Mas o diga de maneira simples e clara, de tal modo que lhes não reste nenhuma dúvida. Não permita que volte alguém à casa sem estar devidamente informado sobre as importantes e necessárias coisas que pertencem à eternidade. Impõe-se que você lhes ensine o seguro caminho da salvação. Se não fizer isso, se nisso falhar, então você também falhou diante de Deus, perante quem um dia terá de apresentar-se e dar contas.

Essa pregação que esquece a mensagem essencial da salvação é como o médico que se esqueceu do remédio específico; como o operário que se esqueceu da ferramenta; como o mensageiro que não entrega a encomenda; como o bombeiro que não leva sua mangueira; como o combatente que não traz consigo as armas de batalha.

São pregações difíceis os sermões evangelísticos. Muitos pastores-professores alegam que são alimenta-dores de ovelhas, instrutores e edificadores, consistindo sua tarefa em melhorar o rebanho, em ajudar o povo a viver vida equilibrada. Assim falam para fugirem às dificuldades da pregação evangelística, que, com ser grandiosa, é aparentemente infrutífera, desencorajadora. Não há dúvida de que, como alegam, o rebanho deve ser cuidado e alimentado; mas, para ser o rebanho cuidado e alimentado, é preciso que antes exista. Antes de ser o povo ensinado, tem de haver um povo redimido para ser ensinado. O pastor de rebanhos tanto está interessado na produção de crias como na produção de lã. Quanto mais cordeiros, mais lã. A pretexto de alimentar o rebanho, não pode o pastor esquecer-se de fazer que o rebanho cresça, se multiplique. Não só deve haver ovelhas egrégias, mas muitas ovelhas egrégias. A posição do pastor é uma posição total: tudo que está na área espiritual do seu povo diz-lhe respeito. É assim como a de um pai-de-família, que provê todas as necessidades da casa. O pastor deve atender às necessidades do seu rebanho.

Ordenava Paulo ao jovem Timóteo: "Faça o trabalho de evangelista" e faça também outro tipo de trabalho. Há que evangelizar e há que prover. O povo precisa também de outras coisas espirituais, que o pastor tem de providenciar. Se não for assim, terá falhado na sua tarefa, mostrar-se-á fraco. Será parcialmente pregador, pastor em parte, obreiro pela metade. É necessário que se dedique totalmente. Seria o caso de, se for um pastor assim desinteressado, deixar ele sua obra, dando o lugar a outro, que se dê inteiramente ao rebanho, que é bom demais para ter um mercenário por guardador.

Finalmente, que é o evangelho de Cristo? A resposta você encontrará em 1 Coríntios 15:1-9. Ali estão os elementos de que se compõe o glorioso evangelho de Jesus. São elementos simples, a saber: Cristo morreu por nossos pecados; foi sepultado, mas ressuscitou e disso muitos foram testemunhas. Isto e somente isto é o evangelho. Toda a verdade bíblica está nisso, resume-se nessa verdade, isto é, que Cristo morreu por nossos pecados e saiu do sepulcro como Salvador vivo.

Qualquer verdade bíblica é importante, mas nem toda verdade bíblica é verdade evangélica. Pode você, por exemplo, pregar a respeito da vida de Abraão, que, aliás, dá material excelente para um sermão. Se, porém, você falar de Abraão, num inspirado e arrebatado, sermão, sem falar que Jesus é o Salvador dos homens, que morreu pelos pecados do mundo, você não pregou o evangelho, não apresentou a boa-nova. Terá que dizer que Cristo morreu, foi sepultado e que ao terceiro dia ressurgiu. Doutro modo, não terá evangelizado. Consumiu o tempo mondando o terreno, podando arbustos, mas não meteu o machado nas árvores grandes, onde está a madeira de lei. Perdeu-se em coisinhas, em bagatelas, e deixou de lado as grandes coisas, as que convinham ser ditas.

Os pregadores, costumamos envolver-nos em assuntos que nos parecem importantes. O homem de Deus deve tomar

posição definida e imediata a respeito de todos os assuntos morais. Por vezes, um culto todo ou uma série deles são dedicados a tais coisas. Pastor, haja cuidado nisso. Não vá gastar o tempo com outros assuntos e esquecer de dizer que Cristo morreu pelo homem e seus pecados, e que saiu vivo do seu túmulo a seu tempo. Diga ao povo que ele pode alcançar a vida eterna, desde que ofereça seu coração ao crucificado. Falhar nisso é falhar em tudo mais, é falhar completamente. Que seja um momento apenas que você gaste nisso, mas transmita a mensagem de que o povo precisa. Qualquer que seja o assunto de sua pregação, termine seu sermão com a mensagem do evangelho. Tire seu relógio e marque o tempo que você gastará lendo o teor do parágrafo que vou lhe apresentar. Ei-lo: "Prezados irmãos, antes de encerrarmos este culto, quero explicar-lhes como poderão ser salvos de seus pecados. É fácil e simples. Jesus é o Filho de Deus. Ele deixou seu lar celestial e baixou à terra com a finalidade de pagar os pecados de cada um de nós. Como ele mesmo havia planejado, certo dia deixou-se crucificar. Desceu às cavernas profundas e escuras da morte, sob o peso dos pecados alheios. À noite, homens bondosos tiraram seu corpo da cruz e o levaram para o enterrarem num sepulcro novo oferecido por José de Arimatéia. E, depois, tristemente se foram. Mas no domingo pela manhã, Cristo, como sempre antes dissera, abriu os olhos, levantou-se do túmulo e dele saiu, na alvorada, isto é, ressuscitou. Agora, ele está no céu e os está contemplando amorosamente. Se você, ouvinte, quer arrepender-se de seus pecados e deseja convidá-lo a ser o dono de sua vida, convide-o, e ele entrará gostoso em seu coração e perdoará seus pecados. E, quando você morrer, será por ele levado para o céu." Quanto tempo gastou você para ler o que aí está? Talvez menos de um minuto. Assimile, pastor, estes elementos do evangelho e não deixe nunca que seu povo saia do culto sem este minuto, que pode ser providencial para alguma alma. Esta é a mensagem para o nosso tempo. É disso que o mundo precisa. Ensine que somos salvos pela graça, misericórdia, compaixão e bondade de Deus. E aquele que abrir seu coração e deixar que Cristo

nele entre será imediatamente salvo. Diga, pastor, ao seu povo como pode ser ele salvo. Diga isso cada vez que for ao púlpito, sempre que pregar. Explique, com as palavras mais acessíveis e simples, que Cristo morreu pelos pecados do homem, e que, porém, não permaneceu morto, mas ressuscitou, dentre os mortos, como nosso Deus vivo. Isso é que é o evangelho, a boa-nova. Enquanto não disser isso, você não pregou realmente o evangelho.

Cabe a você dizer isso a seu povo. Se se omitir, calando esta verdade salvadora, poderá acontecer que muitos nunca venham a saber da morte redentora de Cristo. E por sua culpa, caro pastor. Pense nisso.

GANHANDO ALMAS PESSOALMENTE

Visitou-me, em meu gabinete, um recente amigo meu, homem forte e robusto. Disse-lhe eu: — Vou visitar um doente inválido e gostaria que você fosse comigo. Pode ser?

Meu amigo levantou-se vagarosamente e sorriu, dizendo: — Pois vamos.

Fomos. Tocamos a campainha e apareceu uma serviçal aparentando uns trinta anos de idade, asseadamente vestida. Pediu-nos que esperássemos, enquanto ela iria levar o patrão para a sala de visitas. E logo voltou, empurrando a cadeira de rodas, em que vinha p homem visitado. Feitas as apresentações, meu amigo, para minha surpresa, voltou-se para a empregada e, olhando em seus olhos, perguntou-lhe:

— Maria, você é crente?

Ela, muito encabulada, respondeu: — Não. Não sou crente.

— E gostaria de ser uma crente? — indagou meu amigo. — Desejaria ser salva de seus pecados?

— Sim, gostaria — disse-lhe ela.

— Pois então poderá ser salva, bastando que abra seu coração a Jesus. Crê você que Jesus é o Filho de Deus? Que ele morreu na cruz para salvá-la? Que ele ressuscitou? Que ele agora está olhando para você, esperando, querendo salvá-la?

Sem tirar os olhos do chão, com semblante sério, ela respondeu a meia voz: — Sim, senhor, creio em tudo isso.

Tirando meu amigo um Novo Testamento do bolso, abriu-o e entregou-lho. — Aqui está, Maria, em Romanos 10:9. Leia o versículo para mim.

Ela tomou o livro e leu: "Porque se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo." Assim que ela acabou de ler, disse-lhe o meu amigo: — Agora, segure sua Bíblia, Maria. Não perca o lugar lido. O versículo está a dizer que, se você confessar com sua boca ao Senhor Jesus e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salva. Veja se não é isso exatamente o que está escrito.

Ela leu de novo o texto e disse: — E isto o que está escrito.

Meu amigo sorriu e disse a Maria que, se ela quisesse aceitar a Cristo como seu Salvador, que lhe apertasse a mão. E ela, sorridente, de rosto iluminado, estendeu-lhe a mão, dizendo: — Agora creio nele.

Meu amigo ficou deveras contente, apertou-lhe a mão, pedindo-lhe que lesse novamente o versículo, o que ela fez. — Que ele diz a você, Maria?

— Diz que estou salva — respondeu-lhe ela.

— Obrigado, Maria.

E, ela desapareceu no corredor da casa.

Fiquei de mim para comigo mesmo pensando que aquilo era simples demais. Não podia ser tão simples assim, refleti. Na semana seguinte, voltei, e encontrei Maria na cozinha. E perguntei-lhe se ela havia entendido aquilo que aquele homem lhe havia dito anteriormente. Perguntei-lhe se realmente ela estava sendo sincera quando apertou a mão daquele homem. Sua resposta foi que fora sincera, tanto que já estivera na igreja e atendera ao apelo, e que seria em breve batizada.

Isso se passou há alguns anos. Maria ainda mora em nossa cidade. Faz bem pouco tempo, eu a encontrei e indaguei como ia sua vida espiritual. Seu rosto brilhou.

Estava trabalhando ativamente em sua igreja. E eu a pensar que aquilo que meu amigo fizera era simples demais!

Aqui está, em minha opinião, o grande tropeço na obra de ganhar almas. Não queremos fazer as coisas tão simples quanto elas são na verdade. Todos cometemos o engano de querer fazer a salvação uma coisa misteriosa, complicada, sobrenatural, estranha, fora do comum. Tornamos a coisa difícil para as pessoas. É este o método oposto do de Jesus, que fez a salvação tão simples que até uma criança pode entendê-la. Os homens, porém, não estão inclinados a usar palavras simples e métodos simples. Pretendem que as coisas sejam complicadas e de difícil entendimento. Não é para admirar que os pecadores procurem evitar os pastores e não queiram ouvir-lhes as mensagens. É que eles as fazem tão complicadas que muitos chegam a pensar que são incompreensíveis. Daí fugirem de nós, dos cultos e, desanimados, afastarem-se cada vez mais de Deus.

Aprendida a lição do amigo já referido, fui a um lugar distante, para um avivamento. O pastor foi muito atencioso e mostrou seu grande desejo de ver conversões. Levou-me ele à cidade, para visitar descrentes. Enquanto caminhávamos, ele ia contando alguma coisa sobre os moradores do lugar. A história era quase sempre a mesma: a mulher era crente, membro ativo da igreja, mas o marido não era ainda converso, embora a mulher e suas amigas orassem por ele. Muitos aviva-mentos tinham sido feitos e passaram. O marido havia sido continuamente visitado por pastores e evangelistas durante anos. Talvez mesmo tivesse assistido a alguns cultos, sem demonstrar muito interesse. O homem continuava endurecido. Agora ali estava outro pastor e um novo avivamento. E eu, de mim para comigo, ia lembrando do caso do meu amigo. Concluí que, se um plano deu certo no Texas, teria de dar certo também noutra lugar. Iria, pois, tentá-lo.

Decidi que, tendo acabado de entrar e terminadas as apresentações, eu faria o mesmo que fez o meu amigo com

Maria, lá no Texas. Abreviadamente, falaria dos elementos essenciais da salvação — morte, sepultura e ressurreição de Cristo. E depois perguntaria ao homem se acreditava nessas coisas. Se acreditasse, entregaria a ele minha Bíblia, mandaria que lesse Romanos 10:9. Se ele lesse, eu lhe perguntaria se tinha entendido o que lera.. Caso respondesse que tinha entendido, daria minha mão para que ele a apertasse em testemunho de sua crença. E assim foi. Em quase todos os lares os resultados foram os mesmos. Os rostos brilhavam de contentamento e esperança. De cada um obtinha sempre a mesma resposta e o mesmo aperto de mão.

Voltando destas visitas, o pastor repetia: É simples, muito simples.

E eu lhe opunha este argumento: — Todos fizeram o que Deus disse que deviam fazer. Esperemos para ver o que virá depois disso.

E veio muita coisa. Era agora de ver o marido recalcitrante, entusiasticamente, ao lado da mulher, entrar na igreja e, ao apelo, vir para a frente, para a pública confissão e batismo.

Muitas vezes vi isso repetir-se. Enfrente o pecador com a simples mensagem do evangelho. Coloque diante dele os fatos fundamentais da morte de Cristo, que foi sepultado, mas ressuscitou. Diga isso claramente ao pecador e, depois, indague-lhe se crê nesses fatos. A seguir, pergunte-lhe se aceita de coração a promessa que está em Romanos 10:9. Verá, então, se o seu interlocutor está disposto ao aperto de mão. Se lhe der a mão, é sinal de que está salvo. Se Deus diz que é assim, não será você quem vai duvidar. Mas você talvez indague: — Não pode acontecer que alguns lhe vão apertar a mão só para se livrarem de você?

De minha parte, nunca tive tal impressão. Enfrentei mesmo casos de pessoas que não me quiseram estender a mão. Um homem chegou a dar um pulo, e sair dizendo: "Não, não, não posso fazer isso de modo algum."

É que ele estava montando em sua casa um alambique e se aceitasse Cristo em sua vida teria de deixar de fabricar cachaça. Mas como sabia ele que, se aceitasse meu convite e me desse a mão, teria de parar a fabricação de aguardente? Nem eu sabia de seus problemas, logo, nada lhe falei sobre as conseqüências de sua aceitação. Mas foi o Espírito Santo quem lho segredou.

Ora, quando se enfrenta um pecador com a Palavra de Deus, dois ou três versículos bastarão para tocar-lhe a alma. De imediato é ele informado de que está na presença do sobrenatural. Sabe desde logo que está tratando com o próprio Deus. E assim, não iria mentir, estendendo a mão, se não pretendesse aceitar a salvação.

Que acontece quando uma pessoa perdida se salva? Que faz ela para que a salvação entre em sua vida? Simplesmente isso: abre seu coração e deixa que Jesus nele entre. Apenas isso. É a coisa mais simples do mundo. Quanto tempo é preciso para alguém abrir seu coração a Jesus? Um só momento. Um só instante. Bastará que seja alguém informado, pela Bíblia, da necessidade da salvação, e que a oportunidade se ofereça de ele apertar sua mão. Nesse instante estará salvo. Isso leva poucos instantes.

É um milagre. Um encantador e gracioso milagre. A gente não pode entender como isso acontece. Mas o certo é que acontece. E nem precisa a gente entender. Ore, pedindo o auxílio do Espírito Santo, e, depois, abra sua Bíblia. Vá para o meio do povo e entregue-lhe a boa-nova. Muitos serão salvos. Nem todos, mas muitos.

Isto é simples. Conserve essa simplicidade. Lembre-se de que Cristo mandou buscar e ensinar os perdidos. Não se esqueça de que o crente novo é como criança em Cristo. E, assim como a criança cresce fisicamente para chegar a ser adulto, cresce o neoconverso em sabedoria e espiritualidade, até ser um crente amadurecido e útil.

Uma coisa maravilhosa para mim é que, nas igrejas do Brasil, muitas pessoas vão à frente, atendendo aos apelos

feitos para aceitarem a Cristo como Salvador. O triste é que nem sempre os pastores expliquem a cada um pessoal e individualmente o meio de operar-se a salvação. Muitos pensam que é necessário que alguém freqüente as classes da Escola Bíblica Dominical, para depois se converter. Quanto gozo perdido! Bem se sabe que o povo vem do catolicismo e nada sabe a respeito do cristianismo. Mas poderão todos ficar sabendo acerca do plano da salvação. Na hora da decisão é que é o tempo de começar. Certamente que o novo crente precisa conhecer mais de Deus e do seu próprio lugar no plano de Deus. Deve o pastor confiar na veracidade da declaração quando alguém diz que está disposto a aceitar Cristo como seu Salvador, e começar imediatamente a ampliar seus conhecimentos sobre isso. Ponha-o numa classe ativa, com um bom professor, a estudar a Palavra de Deus. Ele deverá freqüentar a igreja, aprender como orar e cantar. Deve sentir-se compelido a dar testemunho a outrem daquilo que Deus fez a seu favor. Deve aprender a maneira cristã de viver, aprender tudo sobre o pecado e sobre as coisas que ainda não entende, sabendo distinguir o certo do errado nestas questões de fé. Isso é necessário para o crescimento espiritual do novo convertido. É dever do pastor encaminhá-lo nesse crescimento.

A única coisa, porém, necessária para a salvação é alguém abrir o coração a Deus e deixar que Cristo nele entre.

"Porque, se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos 10:9).

É simples, pastor. Que seja sempre assim.

O CAMINHO PRINCIPAL

Faz já alguns anos, famoso pregador escreveu uma carta a um jovem pastor. A dita carta foi mais tarde publicada e durante dezoito séculos tem ela produzido fecunda influência na vida de cristãos de várias terras e várias línguas. Esta obra-prima da literatura evangélica é de procedência celestial. Refiro-me à carta que é conhecida como a Segunda Epístola de Paulo a Timóteo, resumindo, II Timóteo. Nela se compendiam os melhores conselhos que um pregador poderia receber. Sugiro-lhe que tome das duas cartas a Timóteo e faça delas suas inseparáveis companheiras pelo resto de sua vida.

Peço-lhe que examine o capítulo 3 de II Timóteo. Nesta parte, o pastor é admoestado quanto às condições dos últimos dias do mundo. Paulo diz, nessa carta, que dias difíceis viriam e se põe a descrever as atitudes do coração dos homens maus. Os povos distanciar-se-ão cada vez mais de Deus, transgredindo todas as leis da decência, saturados do próprio orgulho e lascívia. Elaborarão formas convencionais de piedade, mas negarão o único Deus verdadeiro. Sobreirão perseguições ao servo de Deus, àquele que fielmente servir a seu Mestre, permanecendo na verdade. À medida que os homens maus se forem tornando piores, enganando e, por sua vez, sendo enganados, o homem de Deus terá tribulações. E, enquanto o mundo desce para o inferno, Timóteo e aqueles que o seguem são exortados a se manterem fiéis à Palavra de Deus. "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem tens aprendido, e que desde a infância sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para

corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra" (II Timóteo 3:14-17).

Quão rica é esta informação e rico este encorajamento da Palavra de Deus! "Timóteo!" exclama o velho apóstolo: "Continue! Fique firme, ó homem de Deus! Apóie-se na Bíblia. Deixe enfundar-se seu pendão. Pastor, todas estas coisas você já conhece. Já foi delas previamente avisado. Não vem ao caso o que faça o mundo. Quanto a você, permaneça fiel a Deus."

Este aviso inspirado é tão atual hoje como o era na data em que foi dirigido a Timóteo. Por toda parte a linha está cedendo, caindo as paredes. A verdade está sendo julgada em todas as nações debaixo do Sol. Em todas as direções as forças do mal estão se desencadeando.

De hora em hora vai a pior a situação do mundo. Famoso professor de Harvard publicou, numa revista de notícias nacionais, que o ano de 1950 marcou o começo do declínio dos Estados Unidos como potência mundial. Dois terços da humanidade estão com fome. O catolicismo ergue sua máscara carmesim sobre toda a cristandade e faz grande esforço para reconquistar a posição perdida. O comunismo levantou seu martelo e sua foice sobre dois terços do mundo. Por toda parte, os homens se olham furiosos, de fronte carregadas pela desconfiança e de coração premido pelo temor. A China Vermelha, com seus milhões de subnutridos, força as correias e parece ansiosa para lançar o mundo num ciclone atômico. Na África há problemas, e no Sudeste da Ásia as guerras continuam, enquanto mães e pais aflitos olham a cena distante com pavor no coração. Os cientistas contam-nos que já existe na reserva atômica no mundo o equivalente a dez toneladas de TNT para cada homem, mulher ou criança da terra.

Nas Américas, grandes igrejas erguem suas mãos para o céu, mas em centenas de púlpitos os pastores negam o único poder capaz de livrar uma alma do pecado, fazendo que ela

se qualifique para o céu. Em doces palavras, falam eles de melhoria social e da ascendência da razão sobre o espírito. Tais homens informam suas igrejas que a Palavra de Deus é constituída de lendas, e muitos afirmam que estas se originam de civilizações há muito desaparecidas.

Homens sábios, homens impávidos, com visão e senso de responsabilidade erguem sua voz perante uma geração negligente. E sua palavra perde-se nas trevas duma ruína iminente.

Espere! Há uma voz! Ela vem-nos através dos séculos e parte diretamente do coração de Deus. Acalme-se e escute. Que é que diz a voz? "Permanece, Timóteo! Continua! Não fiques surpreendido ou desanimado com as condições do mundo. Prega. Ora. Trabalha! Sê fiel testemunha. Confia em Deus! Permanece!"

Precisam os pastores hoje dessa advertência. Devem saber que não poderão afrouxar as convicções, não poderão deixar de ser firmes, não poderão juntar-se à multidão. Não deverão comprometer-se, ou, em linguagem popular, "entregar os pontos". Acima da escuridão da hora presente está Deus, com todo o seu imenso e indescritível poder, com sua inigualável e invencível força. É ele quem volve as folhas do calendário dos acontecimentos. Ele vigia reinos e o universo, e os domina com suas mãos. Ê ele quem dirige tudo.

A você, pastor, cabe servir a Deus, ser verdadeiro para com ele. Deve permanecer no seu lugar, lendo sua Palavra, amando-a e por ela vivendo. Seu posto é na torre de vigia, pregando a mensagem de Deus. Muitos não darão atenção ao que você disser. Muitos não se arrependerão. Isto é com Deus. Não é seu problema. Ê dele. Mas muitos ouvirão e entenderão a urgência de sua palavra. O Espírito Santo lhes tocará nos corações. Meninos e meninas, ouvindo a história dum Redentor, aceitarão a Cristo na sua alma e viverão eternamente. Muitas donas-de-casa, cansadas e desanimadas, cheias de responsabilidades maternas,

certamente o ouvirão e terão esperança e aceitarão o conforto do céu. Muitos homens, preocupados, frustrados, derrotados, apegar-se-ão à sua mensagem e sairão depois do culto possuídos de novo vigor no passo e novo sonho no coração, levando estampado no rosto a confiança de alguma nova certeza. Beberrões e messalinas, desamparados e desesperados, aceitarão a Cristo, pregado, ensinado por você. Não haja dúvida. Muitos homens, mulheres e crianças, em toda parte do mundo, irão aceitar a mensagem e levantarão seus olhos para Jesus, buscando a vida eterna. Parte da semente cairá na estrada. Algumas delas serão abafadas pelos espinhos. Nem todas, porém. Algumas cairão em corações esperançosos e crescerão, darão fruto para a vida eterna. E continuar, pois.

Deixe negarem a Palavra de Deus os que quiserem. Que todos voltem as costas a Deus. Você, porém, permaneça. Mantenha acesa sua lâmpada. Você está no lado da vitória. Você não poderá perder. Lembre sempre que depois da escuridão vem a alvorada; Além da areia está a praia. Além do labor, a recompensa. Além da cruz, a coroa.

Logo, só uma coisa você deve fazer.

Uma só: Perseverar.